



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

CAROLINE DA SILVA DOS ANJOS

**PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO:
Concepções dos professores do 4º ano do ensino fundamental de
uma escola pública de Itaituba-PA**

CAROLINE DA SILVA DOS ANJOS

**PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO:
Concepções dos professores do 4º ano do ensino fundamental de
uma escola pública de Itaituba-PA**

Monografia de Graduação apresentada ao Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Itaituba, para obtenção do título de Licenciada Plena em Pedagogia, sob a orientação da Profª Mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro.

ITAITUBA – PA

2019

ANJOS, Caroline da Silva dos.

PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: Concepções dos professores do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Itaituba-PA / CAROLINE DA SILVA DOS ANJOS - Itaituba: CLPP da FAI, 2019.

74 Fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Pedagogia, Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR-PA, 2019.

Orientadora: Profª Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Me.

1. Alfabetização e Letramento. 2. Ensino Fundamental. I. RIBEIRO, Elina. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR-PA, 2019.

CAROLINE DA SILVA DOS ANJOS

PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO:
Concepções dos professores do 4º ano do ensino fundamental de
uma escola pública de Itaituba-PA

Monografia de Graduação apresentada ao
Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Itaituba,
para obtenção do título de Licenciada Plena em
Pedagogia, sob a orientação da Profª Mestra Elina
Renilde de Oliveira Ribeiro.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____ Nota: _____
Profª Ma. Elina Renilde de Oliveira Ribeiro

Avaliador: _____ Nota: _____
Profº Dr. Francisco Cláudio de Sousa Silva

Avaliador: _____ Nota: _____
Profº Esp. Dhemesbraene Soares da Silva

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba-PA, 30 de março de 2019.

Em primeiro lugar a Deus, aos meus pais, Ivani Gonçalves da Silva e Luis dos Anjos Neto; a minha filha Isadora, Pyetra dos Anjos Rocha; ao meu esposo, Alan Jhones Rocha e minhas irmãs, que estiveram ao meu lado em todos os meus passos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me guiar em todo o percurso desta caminhada me dando força para continuar em frente.

A minha família por ter me apoiado em todas as minhas decisões, em especial meus pais, essa conquista é mérito deles. Ao meu esposo, que sempre esteve ao meu lado me ajudando em todos os momentos que precisei.

Ao Coordenador do Curso de Pedagogia, professor Dr. Francisco Claudio de Sousa Silva por todos os ensinamentos e puxões de orelha quando a turma precisou. E aos demais docentes, pois cada um deles plantou uma sementinha em meu jardim do conhecimento.

Agradeço imensamente a minha orientadora, Professora Mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, pela oportunidade e apoio na construção deste trabalho, por disponibilizar sua paciência e seu tempo para me auxiliar nesse momento de suma relevância.

Aos meus padrões Sr. Celio e Sra. Judith, por terem sido tão compreensíveis comigo, me liberando das minhas obrigações sempre que precisei me ausentar para cumprir os estágios e trabalhos referentes ao Curso, agradeço também os colegas de trabalho.

A todos os colegas do curso, e em especial, a minha amiga e parceira em todas as ocasiões, Dhully da Silva do Nascimento.

A todos os que contribuíram para esta pesquisa, professores e funcionários da Escola Municipal Engenheiro Fernando Guilhon, em especial, a professora Christlaine da Conceição Santos de Oliveira que me deu total apoio durante o período que estive presente na escola.

Podemos dizer que trabalhar com a leitura e escrita na escola hoje é muito mais que trabalhar com a alfabetização ou os alfabetismos: é trabalhar com os letramentos múltiplos, com as leituras múltiplas – a leitura na vida e a leitura na escola. (ROJO, 2009, p. 118).

RESUMO

Este estudo tem por objetivo conhecer as concepções e práticas dos professores do 4º ano do ensino fundamental, a cerca das práticas de alfabetização e letramento. Como procedimento metodológico, utilizou-se uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório baseada na visão de vários autores e leis que tratam das temáticas investigadas, além de uma entrevista com professores do 4º Ano do ensino fundamental de uma escola pública, em Itaituba-PA e observação da rotina dos professores entrevistados. Com base neste estudo, foram levantados alguns questionamentos sobre a prática pedagógica desenvolvida pelos docentes entrevistados assim como, suas visões sobre como eles recebem os alunos do 4º ano em níveis de aprendizado, enfatizando também quais são as metodologias desenvolvidas pelos educadores para facilitar as práticas de alfabetização e letramento. Como resultado, pode-se constatar que a maior dificuldade enfrentada pelos docentes a respeito da alfabetização e letramento é a falta de apoio dos familiares, haja vista que a educação não deve ser delegada somente a escola e que é obrigação dos pais participarem deste processo. Pode-se perceber ainda que com base nos desafios e em outras situações, o professor deve usar as estratégias mais variadas para levar o conhecimento ao aluno de forma significativa. Essa situação se evidencia quando as docentes afirmaram usar os mais variados mecanismos para efetivar de fato o aprendizado, mecanismos esses que vão desde o uso de ambientes de ensino fora da sala de aula como a biblioteca e a sala de informática ao uso dos mais variados recursos pedagógicos.

Palavras-Chaves: Alfabetização. Letramento. Ensino fundamental.

ABSTRACT

This study aims to know the conceptions and practices of teachers of the 4th year of elementary school, about literacy and literacy practices. As a methodological procedure, an exploratory bibliographic research was used based on the vision of several authors and laws that deal with the subjects investigated, as well as an interview with teachers of the 4th Year of the elementary school of a public school in Itaituba-PA and observation of the teachers interviewed. Based on this study, some questions were raised about the pedagogical practice developed by the teachers interviewed, as well as their visions about how they receive the 4th grade students in learning levels, also emphasizing the methodologies developed by the educators to facilitate the practices of literacy and literacy. As a result, it can be seen that the greatest difficulty faced by teachers regarding literacy and literacy is the lack of support from their families, since education should not be delegated only to the school and it is the parents' obligation to participate in this process. It can be realized that based on the challenges and in other situations, the teacher must use the most varied strategies to take the knowledge to the student in a significant way. This situation is evidenced when the teachers affirmed to use the most varied mechanisms to effectively effect the learning, mechanisms that range from the use of teaching environments outside the classroom like the library and the computer room to the use of the most varied resources pedagogical

Keywords: Literacy. Literature. Elementary School.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Perfis dos entrevistados.....	46
Quadro 2. Concepções e práticas de Alfabetização e Letramento.	50
Quadro 3. Os jogos e brincadeiras como ferramentas da aprendizagem significativa.	51
Quadro 4. A ludicidade como ferramenta de alfabetização.....	52
Quadro 5. A importância da leitura em sala de aula.....	54
Quadro 6. Uso de diferentes recursos pedagógicos.....	55
Quadro 7. A biblioteca como fonte de conhecimento.....	56
Quadro 8 Projetos que envolvem leitura e escrita.....	58
Quadro 9. Diagnóstico de leitura e escrita.....	59
Quadro 10. Como diminuir as dificuldades de leitura e escrita.....	60

LISTA DE SIGLAS

ANA	Avaliação Nacional de Alfabetização
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNE	Conselho Nacional de Educação
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PNAIC	Pacto Nacional Pela Educação na Idade Certa
PN	E Plano Nacional de Educação
PMALFA	Programa Mais Alfabetização
PNME	Programa Novo Mais Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
PRP	Programa Residência Pedagógica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 O CICLO DE ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E PNAIC.....	13
1.1 CICLO DE ALFABETIZAÇÃO NA LEGISLAÇÃO.....	13
1.2 PROGRAMAS FEDERAIS DE FORMAÇÃO CONTINUADA AOS PROFESSORES ALFABETIZADORES.....	18
1.2.1 Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).....	18
1.2.2 Programa Novo Mais Educação (PNME).....	21
1.2.3 Programa Mais Alfabetização - PMALFA	22
1.2.4 Programa Residência Pedagógica – PRP	24
1.3 O LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM E ESCRITA.....	25
2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO	30
2.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: ASPECTOS CONCEITUAIS	30
2.2 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DE ALFABETIZAÇÃO.....	34
2.3 DESAFIOS DO PROFESSOR NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO	39
3 PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE ITAITUBA/PA.....	45
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	45
3.2 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA.....	47
3.3 OPINIÕES DOS PROFESSORES	50
3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
BIBLIOGRAFIA	66
APÊNDICE.....	70
REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA PESQUISA NA ESCOLA.....	72

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo principal verificar como ocorre o processo de alfabetização e letramento nas turmas de 4º ano do ensino fundamental a partir das concepções e práticas dos professores da Escola Municipal Engenheiro Fernando Guilhon, município de Itaituba-PA. A preocupação em discorrer sobre este tema surgiu da necessidade de verificar se a proposta de alfabetização e letramento defendida pelo PNAIC vem sendo aplicada correta pelos docentes e se estes estão tendo/vendo resultados positivos ao final do Ciclo de Alfabetização. A partir dessa visão também investigar como os docentes do 4ª ano veem a aplicação da ação deste Pacto, e o que eles pensam que deveria ser aprimorado para que se possa afirmar que o PNAIC está de fato dando o resultado esperado.

No cotidiano escolar, não é preciso procurar muito para se encontrar os mais diversos problemas educacionais, principalmente nas escolas públicas. Dentre esses problemas pode-se dar um destaque a questão da alfabetização. Sabe-se que hoje, mesmo com uma vasta quantidade de programas, projetos e diversas ações que incentivem a alfabetização, como é o caso do PNAIC, que contempla o ciclo de alfabetização (1º ao 3º do ensino fundamental) ainda é enorme a quantidade de alunos que chegam ao 4º ano sem estar devidamente alfabetizado.

Para direcionar esse estudo, levantou-se os seguintes questionamentos, a saber: Quais os desafios do professor alfabetizador no processo de letramento dos alunos de 4º ano do ensino fundamental? Quais as estratégias utilizadas para desenvolver a leitura e escrita dos alunos? O PNAIC está atingindo seu objetivo de alfabetizar toda criança até os 8 anos de idade (3º ano)?

Quanto à metodologia adotada para a execução deste trabalho, adotou-se o estudo bibliográfico com base em vários autores que tratam das temáticas estudadas tais como: Carvalho (2010); Brasil (2016); Pereira (2018); Silveira (2016); Fontes (2015); Kishimoto *et al* (2011); Macedo (2005); Rojo (2009); Soares (2003); Carvalho e Mendonça (2006); Teberosky (2001); Ferreira (2015). A pesquisa é qualitativa, foram coletados dados com dois professores do 4º ano por meio de um questionário com perguntas relacionadas ao referido tema, além de um período de observação da prática dos docentes em sala de aula, o que possibilitou melhor compreender algumas questões relacionadas aos métodos utilizados pelos docentes no que diz respeito à alfabetização e o letramento.

O presente trabalho está devidamente estruturado em três capítulos, sendo que o primeiro vem falando das concepções teóricas acerca da alfabetização e do letramento no ensino fundamental assim como a legislação e os programas federais que rege tais ações, e também sobre como o uso da ludicidade pode ser benéfico quando se fala do processo de alfabetização.

O segundo capítulo tratou da alfabetização e letramento no ciclo de alfabetização, abordando ainda sobre os aspectos conceituais da temática e as estratégias metodológicas do processo de alfabetização, com destaque para os desafios dos docentes no processo de alfabetização.

Para finalizar, o terceiro capítulo analisou os dados coletados por meio de questionários e observações que serviram para identificar como ocorre a alfabetização e o letramento na escola pesquisada, onde se puderam verificar também os procedimentos metodológicos aplicados pelos entrevistados assim como a caracterização da escola pesquisada. Este capítulo, conta também com uma proposta de intervenção que servirá de apoio para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

1 O CICLO DE ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E PNAIC

1.1 CICLO DE ALFABETIZAÇÃO NA LEGISLAÇÃO

Os avanços do ensino fundamental brasileiro vêm se dando ao longo dos anos, a cada tempo os resultados mostrados com bases em estudos sobre o tema vem identificando necessidades de várias mudanças no âmbito educacional. Um exemplo claro disso é a Lei nº 9.394/1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que sempre vem sendo atualizada para suprir as necessidades iminentes. Pode-se dizer que uma das principais mudanças nas últimas duas décadas foi à inclusão da criança de seis anos no ensino fundamental.

A partir da Lei nº 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), e suas alterações ocorridas pela Lei 11.114/05 e Lei 11.274/06, o Ensino Fundamental foi ampliado de 08 para 09 anos de escolaridade. Assim, as crianças com 6 anos de idade devem cursar o 1º ano do Ensino Fundamental. Mediante esta exigência legal, todos os entes federados tiveram que se adequar a essa nova demanda até o ano de 2010. (SOUZA; MARANHÃO; MAIA, 2016, p. 02).

Vale salientar que até então, a criança deveria ter sete anos completos para poder ser efetivamente matriculada no ensino fundamental, antes disso ela frequentava a Educação Infantil. Em 2005, a Lei nº 11.114 altera a LDB, tornando obrigatória a matrícula das crianças de 6 (seis) anos de idade no Ensino Fundamental.

A Lei de nº 10.172/2001 que trata da aprovação do Plano Nacional de Educação -PNE, diz respeito à introdução da criança de seis anos no ensino fundamental. Desse modo, uma das justificativas do PNE para se incluir a criança dessa faixa etária no ambiente escolar, acontece pelo fato de ela por começar a estudar mais cedo poderá obter um maior rendimento escolar em relação à leitura se comparada às crianças que começaram a estudar aos sete anos.

O PNE foi recentemente atualizado pela Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, este por sua vez trata-se de um avanço de fundamental importância para as políticas públicas brasileiras no que diz respeito à educação. Pois vem trazendo 20 metas que envolvem as diversas áreas do conhecimento, essas metas por sua vez devem ser atingidas até meados de 2024 segundo o que prevê o Plano. Para ter certeza que estes objetivos estão sendo de fato alcançados, o governo está

investindo em diversas formas de avaliações com o intuito de monitorar os avanços obtidos nesse período. Assim o PNE prevê também que num período de dois em dois anos sejam feitos estudos que objetivam mostrar os resultados alcançados.

Pode-se concluir que 6 (seis) anos é a idade ideal para se dar início o processo de instrução de uma criança, uma vez que é notório e conhecido de todos que a educação é a base da vida estudantil de qualquer pessoa. Porém é preciso reconhecer que se deve ter todo um aparato cuidadoso no processo de educação infantil, período que antecede a alfabetização, cabe aos envolvidos nesse processo no caso os agentes educadores, pais e a comunidade escolar em geral agirem de comum acordo e positivamente para que se obtenham bons resultados no tempo de inserção e permanência do menor na creche.

A LDB 9.394/1996 que hoje está em sua décima terceira edição destaca no Artigo 32 a obrigatoriedade do ensino fundamental de nove anos:

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (BRASIL, 2016, p. 14).

Pode se destacar o quão importante é que a criança tenha essa formação básica que é citada no artigo acima da LDB, e que essa formação incluía todos os objetivos almejados, mas principalmente o inciso primeiro que fala do aprendizado, esse por sua vez se bem trabalhado, fará com que o aluno possa desenvolver os demais com exatidão. De fato, a alfabetização é um processo que se inicia com o ingresso da criança na escola propriamente dita, nesse caso ainda temos um ambiente infantilizado, pelo menos no primeiro ano do ensino fundamental onde os educandos ainda estão se acostumando com o novo espaço de ensino que os espera.

Quando a criança chega à escola de ensino fundamental é importante que o professor possa em um primeiro momento sondar como se dá seu processo de aprendizagem para então poder desenvolver sua forma de trabalhar.

É a aprendizagem, o objetivo de toda e qualquer escola, seja qual modalidade for, trabalhe sob definições de quaisquer dos níveis escolares existentes e determinados por lei, tenha seus alunos a faixa etária que tiver e sob qual intencionalidade existir. (KAUARKI; SILVA, 2008, p. 264).

É importante salientar que, o docente precisa focar também na organização do espaço que irá receber esses alunos, uma vez que a sala de aula precisa ser aconchegante, cheia de vida e cores, pois a criança precisa se sentir familiarizada com o local para que possa despertar a sua curiosidade e vontade de permanecer ali. Russo (2012, p. 19) afirma que, a sala de aula deve servir para despertar os sentidos do aluno, transformando-se em um local propício à aprendizagem.

A criança na primeira infância se fixa muito em coisas que chamem sua atenção aproveitando isso o professor pode organizar painéis educativos que envolvam alfabetos coloridos, números, os próprios nomes das crianças, cumprimentos, entre outras coisas que envolvam a ludicidade, lembrando sempre que as letras devem estar bem visíveis para que os alunos não se confundam quando forem escrever algo.

Os alunos precisam ter a ciência de que a leitura e a escrita são usadas com várias finalidades e em todos os momentos. Nesse sentido, o aluno precisa aprender a utilidade de ambas, é preciso fazer com que a criança nesse ciclo desenvolva essa aprendizagem de forma sequencial e para isso faz-se necessário que os professores tenham um plano de atividades que envolvam integralmente a alfabetização e o letramento.

De acordo com LDB n. 9394/1996, no cap. II, seção III, § 1º, “É facultado aos sistemas de ensino desdobrar o ensino fundamental em ciclos”. Portanto, a educação pode ser desenvolvida em etapas, nesse caso em especial mostra-se a importância do primeiro ciclo do ensino fundamental, que é compreendido do 1º ano ao 3º ano chamado de ciclo de alfabetização. Uma das vantagens do mesmo está no modo de avaliação da criança que é diferenciada, pois o aluno é avaliado conceitualmente pelo seu aprendizado nesse período, fazendo assim com que as avaliações com o intuito de atribuir notas não sejam obrigatórias.

Existem algumas competências que o aluno precisa ter desenvolvido ao final de cada ano deste Ciclo, no fim do primeiro ano, por exemplo, ele deve conseguir chegar à fase alfabética lendo e se possível expressando-se através da escrita, uma vez que nessa fase espera-se que a criança consiga fazer a relação entre o som e a letra.

Como o nível de aprendizado entre as crianças varia muito, vai ter aluno que não conseguirá dominar a escrita ortograficamente correta, mas cabe ao professor trabalhar de forma que se busque alcançar a escrita correta. Como esse trabalho deve ser contínuo, isso deve ser trabalhado a partir do segundo ano, já que nesse período espera-se que o aluno domine por completo a leitura e escrita e que a prática da produção de textos esteja presente na vida deste aluno.

Até o fim do 2º ano ele deve dominar o sistema alfabético de escrita, as normas básicas da Língua Portuguesa além de ler, compreender e escrever pequenos textos. Para finalizar este período, o professor do 3º ano deve se dedicar a aprofundar os conhecimentos adquiridos nos anos anteriores. Pensando nos avanços que a criança deve almejar nesse período foi criado pelo governo mais um Programa que tem como objetivo de somar no processo de alfabetização das crianças.

Reconhecendo o desafio que ainda é a alfabetização no nosso país, o Governo Federal através do Ministério da Educação, lançou em 2012 o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) com a finalidade de criar condições que assegurem a alfabetização plena de crianças com até 8 anos de idade em todo o Brasil. Estados e municípios se comprometeram em alfabetizar todas as crianças da sua rede de ensino em Língua Portuguesa e em Matemática até o terceiro ano do Ensino Fundamental, e para tanto, engajaram seus professores num programa de formação continuada, tendo como foco o Ciclo de alfabetização. (NASCIMENTO; SILVA; ROSA, 2014, p. 02).

Com isso, pode se perceber que o governo está preocupado em fazer com que os docentes foquem seus esforços em alfabetizar de fato as crianças, e para que isso aconteça verdadeiramente na prática é oferecido todo um suporte aos professores para que possam desenvolver atividades que beneficiem a todos, assim como chegar ao objetivo principal do programa.

Segundo a Resolução de nº 7, de dezembro de 2010, em seu Art. 30, no que diz respeito aos três primeiros anos do Ensino Fundamental pode-se destacar como objetivos principais:

- I - a alfabetização e o letramento;
- II - o desenvolvimento das diversas formas de expressão, incluindo o aprendizado da Língua Portuguesa, a Literatura, a Música e demais artes, a Educação Física, assim como o aprendizado da Matemática, da Ciência, da História e da Geografia;
- III - a continuidade da aprendizagem, tendo em conta a complexidade do processo de alfabetização e os prejuízos que a repetência pode causar no Ensino Fundamental como um todo e, particularmente, na passagem do primeiro para o segundo ano de escolaridade e deste para o terceiro.

Enfatizando sempre que o discente deve desenvolver o gosto pela leitura e escrita, cabe ao professor fazer com que esses alunos compreendam a diversidade de gêneros textuais que os rodeia. Uma dica para que se facilite o aprendizado é que todas as atividades desenvolvidas em sala possam partir de textos não importando qual a disciplina está sendo trabalhada, pois quando se trata de alfabetização não se deve falar em método no singular, já que o aprendizado varia entre as crianças.

Nas salas de aula não se identifica a existência de um modelo pronto e acabado de ensino, e também não se tem na prática formas de como se construir a aprendizagem de maneira significativa. Cabe ao docente após uma breve observação do perfil de seu alunado descobrir o que se deve ou não fazer, para que esse chegue ao objetivo principal que é a alfabetização de seus alunos, fazendo com que eles desenvolvam as competências necessárias para seu nível de ensino exigido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que conceitua Competência como:

[...] a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (BNCC, 2018, p. 08).

Nesse sentido, a BNCC vem trazendo 10 (dez) competências que devem ser desenvolvidas pelos alunos da educação básica como um todo, ou seja, elas devem caminhar pelas três etapas desta modalidade de ensino. É importante salientar que não se tem uma forma concreta de se desenvolvê-las uma vez que o currículo educacional é diverso e deve ser utilizado de acordo com o momento e com a realidade local, contudo fundamentado na BNCC e a LDB, como cita a própria lei:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (BRASIL, 2016, p. 12).

Sendo assim, o docente pode desenvolver atividades culturais que envolvam as peculiaridades locais ou a sua própria história, fazendo com que as crianças possam reconhecer a importância do que está a sua volta. Pode-se trabalhar com os contos e lendas locais e regionais, desenvolvendo sempre exercícios que envolvam a leitura e escrita, pois segundo Carvalho (2010, p. 67), algumas pessoas criam gosto pela leitura pelo exemplo dos familiares, outras, por influência de professores ou por circunstâncias fortuitas de suas histórias de vida.

1.2 PROGRAMAS FEDERAIS DE FORMAÇÃO CONTINUADA AOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

1.2.1 Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)

Nos dias atuais é praticamente impossível abordar o tema alfabetização e letramento sem trazer à tona o principal Programa que vem sendo ofertado pelo governo federal com o intuito de medir, desenvolver e melhorar a qualidade de aprendizado dos alunos. Programa esse intitulado de Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), criado em 2012, mas que começou a vigorar em meados de 2013, com o intuito de obedecer à meta de nº 05 do PNE que tem como principal objetivo alfabetizar as crianças até o fim do 3º ano do ensino fundamental.

O pacto entende que, aos oito anos de idade, as crianças precisam ter a compreensão do funcionamento do sistema de escrita; o domínio das correspondências grafofônicas, mesmo que dominem poucas convenções ortográficas irregulares e poucas regularidades que exijam conhecimentos morfológicos mais complexos; a fluência de leitura e o domínio de estratégias de compreensão e de produção de textos escritos. (BRASIL, 2015, p. 88).

O PNAIC começou a funcionar, primeiramente, com os esforços voltados para o ensino de língua portuguesa, e a partir dos anos subsequentes foram introduzidas às demais disciplinas assim como novos eixos formadores.

Diversos estudos demonstraram que, algumas das metas do PACTO são de oferecer formação continuada aos docentes do 1^a ao 3^a ano do ensino fundamental. Objetiva também a formação de professores alfabetizadores enfatizando a alfabetização na perspectiva do letramento, defendendo assim mudanças na prática pedagógica desenvolvida pelos professores que passaram ou estão passando pela formação continuada ofertada pelo PACTO. Nesse sentido, Silveira (2016, p. 68) defende que, “Não basta participar de palestras, cursos ou capacitações, é preciso refletir e transformar a prática pelo engajamento às propostas de formação”.

Se analisar bem, o Programa enfrenta diversas falhas por conta de professores que não desenvolvem em sala o que aprendem nos encontros, é de suma importância que o docente dedique uma atenção especial ao pacto, pois seus objetivos são os melhores possíveis.

Com respeito à importância da formação continuada os estudiosos da área defendem a importância dos professores alfabetizadores participarem das formações oferecidas pelo PNAIC. Durante esses encontros que podem ser presenciais ou a distância são oferecidos diversos materiais pedagógicos assim como várias amostras de como o docente pode desenvolver seu material de trabalho, como aplicá-lo na prática em sala de aula, possibilitando assim uma troca de conhecimento entre os presentes.

Para tanto, no que diz respeito ao referido tema Fontes (2015, p. 27) afirma ainda que, “a tentativa é de adequar a teoria à realidade, pois os educadores conseguem visualizar como colocar ideias em prática, e ainda se sentem apoiados, visto que tem um tutor que também é alfabetizador.” Nesse caso é importantíssimo que se aproveite ao máximo a troca de experiências que é feita durante os encontros, juntar os pontos positivos que cada um obteve e tentar reorganizar a prática docente de uma forma produtiva.

Ainda no que diz respeito à importância dada, a formação continuada oferecida pelo PACTO pode-se destacar também a visão de Felipe (2017, p. 05) que afirma: “o professor deve se sentir motivado a se comunicar, interagir com seus pares em atividades em grupo, intervindo na sala de aula e fora dela, contribuindo assim para o seu desenvolvimento pessoal e profissional”. Daí a importância de se haver diálogo entre as partes envolvidas nesse processo. Quando se trata de alfabetização de crianças, uma boa dica a se seguir é o docente não ficar preso a métodos tradicionais como cópia, ditado e exercícios de fixação principalmente com

alunos que estão iniciando o ensino fundamental, pois a maioria dessas crianças ainda não está preparada para essas atividades longas e cansativas.

O PNAIC também defende o dinamismo do docente com esses alunos propondo novos métodos de alfabetização que envolva a ludicidade que ainda é muito importante nessa nova fase de aprendizado.

Nesse contexto, o PNE propõe que sejam utilizados meios de identificação do grau de aprendizado em português e matemática dos alunos, como é o caso das provas aplicadas anualmente aos alunos que fazem parte deste ciclo de alfabetização, e cabe aos docentes desenvolverem atividades baseadas nos ensinamentos do PNAIC para que se haja um aproveitamento nessas avaliações, são elas: Provinha Brasil, destinada aos alunos do 2º ano do ensino fundamental e Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) essa por sua vez é destinada aos alunos do 3º ano.

Os resultados desses indicadores servem para o governo medir e acompanhar onde estão os erros e acertos em relação aos programas, prova disso é que devido ao baixo rendimento dos alunos na (ANA) em 2013 e 2014 verificou-se a possibilidade de reformulação no contexto do PNAIC. Com base nisso o Documento Orientador – PNAIC em Ação (2017, p. 05) afirma que:

No ano de 2017, observando a educação brasileira como um todo encadeado e orgânico e reconhecendo que mesmo os estados com melhores indicadores ainda estão distantes do resultado desejado, o PNAIC passa a compor uma política educacional sistêmica que parte de uma perspectiva ampliada de alfabetização, trabalhando a Alfabetização na Idade Certa, a melhoria da aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática no Ensino Fundamental, bem como a inclusão da Educação Infantil garantindo as perspectivas e as especificidades do trabalho de leitura e escrita com as crianças.

Pode-se dizer que a maior mudança no Programa em 2017 foi desenvolver um cuidado maior em relação à estrutura pedagógica das formações continuadas e da atuação dos formadores. Sempre reforçando a importância de se ter mediadores altamente comprometidos com os processos formativos e de monitoramento dos docentes participantes assim como o processo de avaliação e intervenção pedagógica.

Dentre as mudanças também se pode destacar a inclusão de docentes da educação infantil, no início ficou um pouco restrita essa inclusão por conta de haver receio por parte dos docentes no que diz respeito a uma possível antecipação da

alfabetização, porém as coisas foram acontecendo de forma positiva e então foi finalmente sinalizada à participação desta modalidade no programa.

Portanto fica evidente a importância que é dada a formação continuada que é oferecida pelos Programas acima citados aos docentes participantes, percebe-se que os esforços se voltam por completo para que esse processo ocorra de forma positiva, pois essa prática pode ser muito enriquecedora no que diz respeito ao ensino e aprendizagem, uma vez que a principal função desses encontros é promover espaços onde às reflexões e propostas possam ser vistas e avaliadas em conjunto.

1.2.2 Programa Novo Mais Educação (PNME)

Ainda no que diz respeito aos programas de cunho educacional que envolvem o processo de alfabetização pode-se destacar a união do PNAIC ao PROGRAMA NOVO MAIS EDUCAÇÃO (PNME), esse por sua vez deverá ser desenvolvido e aplicado aos alunos em formas de oficinas que envolvam, entre outras coisas, as práticas de alfabetização e letramentos ofertadas pelo PACTO principalmente nas disciplinas de Português e Matemática. De acordo com a Portaria nº 826, de 7 de julho de 2017/MEC:

- Art. 4º A adesão às ações do PNAIC e às ações de formação do PNME será formalizada em instrumento próprio a ser disponibilizado pelo MEC.
- Art. 5º As ações de formação do PNAIC e do PNME têm por objetivos:
 - I - garantir que todos os estudantes dos sistemas públicos de ensino estejam alfabetizados, em Língua Portuguesa e em Matemática, até o final do 3º ano do ensino fundamental;
 - II - reduzir a distorção idade-série na Educação Básica;
 - III - melhorar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB; e
 - IV - contribuir para o aperfeiçoamento do desempenho dos professores.

O Programa se desenvolve por meio de um acompanhamento pedagógico nas disciplinas acima citadas assim como o desenvolvimento de atividades extracurriculares em áreas como artes, cultura, esporte e lazer, fazendo com que o aluno possa desenvolver e aprimorar seus conhecimentos e conseqüentemente a melhoria do seu desempenho educacional.

Tendo um foco educativo, o PNME faz com que ocorra um aumento no tempo de permanência dos alunos na escola e conseqüentemente uma reformulação no

espaço escolar, pois além de oferecer várias formas de trabalho no que diz respeito a educação e escolarização dos alunos o programa faz com que a escola possa crescer como um todo, uma vez que a mesma precisa investir pesado no acompanhamento pedagógico desses alunos, visando principalmente a alfabetização de qualidade e a erradicação do fracasso escolar desses alunos.

Conforme anteriormente destacado, o PNME foi criado com o objetivo principal de ajudar no processo de alfabetização e letramento da classe estudantil que se encontra num estado não muito favorável como mostra os últimos indicadores, para que isso ocorra de forma positiva é preciso que a equipe responsável pelo programa, no caso o articulador, os facilitadores ou mediadores em conjunto com os docentes da instituição possam fazer uma seleção bem rígida dos alunos participantes.

Segundo o documento intitulado de “Programa Novo Mais Educação, Caderno de orientações pedagógicas - versão II de 2018”, esses são os critérios que devem ser seguidos ao se eleger os alunos que devem participar do programa sendo, alunos que estejam:

- I. em situação de risco e vulnerabilidade social;
- II. em distorção idade/ano;
- III. com alfabetização incompleta;
- IV. repetentes;
- V. com lacunas de aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática;
- VI. em situação provisória de dificuldade de aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática; e,
- VII. em situação de risco nutricional. (BRASIL, 2018, p. 05)

Além dos critérios acima citados, vale salientar ainda que o documento defende que haja uma heterogeneidade na escolha dos alunos que iram fazer parte do Programa, podendo a escola permitir a participação de alunos que não se encaixam nos mesmos e possuem um bom rendimento escolar, pois esses além de aprenderem mais, podem estar dando suporte aos mediadores no que diz respeito a interação entre os alunos e o processo de aprendizagem.

1.2.3 Programa Mais Alfabetização - PMALFA

Foi publicada no Diário Oficial da União, a Portaria Nº 142, de 22 de fevereiro de 2018, sendo devidamente regulamentado pela Resolução nº 37/2018, que teve

como finalidade instituir o Programa Mais Alfabetização - PMALFA. O objetivo principal deste programa é fortalecer e oferecer suporte as escolas durante o período de alfabetização dos estudantes de primeiro e segundo anos do ensino fundamental. Para isso, o Programa propõe que o docente titular da sala de aula tenha um ajudante que possa lhe auxiliar no processo de alfabetização de seus alunos. De acordo com a Portaria nº 37/2018 – PMALFA:

Art. 1º Fica instituído o Programa Mais Alfabetização, com o objetivo de fortalecer e apoiar as unidades escolares no processo de alfabetização, para fins de leitura, escrita e matemática, dos estudantes no 1º ano e no 2º ano do ensino fundamental.

§ 1º O Programa será implementado com o fito de garantir apoio adicional, prioritariamente no turno regular, do assistente de alfabetização ao professor alfabetizador, por um período de cinco horas semanais para unidades escolares não vulneráveis, ou de dez horas semanais para as unidades escolares vulneráveis, considerando os critérios estabelecidos nesta Portaria.

Pode-se dizer que o PMALFA, é um programa que integra a política nacional de alfabetização e que ele está baseado no que rege a LDB onde espera-se que o aluno desenvolva a capacidade de aprender, sempre baseando-se nos domínios essenciais que são leitura, escrita e cálculos. Também a BNCC no que diz respeito ao foco dos dois primeiros anos do ensino fundamental, onde todos os esforços devem voltados a uma alfabetização que seja de qualidade.

E ao final de cada ano é necessário que se avalie o rendimento dos alunos participantes com o intuito de se observar se está de fato sendo cumprido o que foi proposto pelo Programa. Cabe aos docentes que atuam nessa área aplicarem provas com o intuito de medir o quanto o aluno avançou durante esse período finalizando tudo com relatórios que nortearam os próximos passos a serem dados.

Nesse viés, o apoio pedagógico que vem sendo oferecido em forma de Programas educacionais é de suma importância aos docentes, pode-se perceber que o governo está investindo fortemente nos mesmos, programas esses que vem sendo ofertados sempre com a mesma finalidade garantir qualidade no processo de alfabetização das crianças.

Por outro lado, o PNE prevê que sejam feitas avaliações periodicamente para medir o grau de aprendizado dos alunos como é o caso da Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) e como os últimos resultados não foram satisfatórios mais

precisamente as provas de 2016, onde ficou visível que os avanços foram mínimos, foi lançada a proposta de criação do Programa em questão.

Segundo o manual operacional do sistema de orientação pedagógica e monitoramento (BRASIL, 2018, p. 04),

O Mais Alfabetização surgiu como uma estratégia do MEC diante dos resultados da Avaliação Nacional da Alfabetização – ANA do Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB, criada com o intuito de avaliar o nível de alfabetização dos estudantes, ao fim do 3º ano do ensino fundamental. Tais resultados apontaram para uma quantidade significativa de crianças nos níveis insuficientes de alfabetização (leitura, escrita e matemática).

Com base no exposto, pode-se destacar mais uma vez a grande importância que o governo federal vem destinando à alfabetização na idade certa, promovendo os mais variados programas de incentivo aos docentes que se pode ver ambos sempre com o mesmo objetivo garantir uma alfabetização de qualidade.

1.2.4 Programa Residência Pedagógica – PRP

Além do PMALFA pode-se citar também Programa Residência Pedagógica - PRP que também entrou em vigor no ano de 2018. Esse projeto tem inicialmente uma duração de 18 meses divididos em fases. Segundo Pereira (2018, p. 32) “[...] Ela deverá substituir o estágio, [...], pois já é sabido que o estágio ou não é realizado de forma adequada ou está totalmente desvinculado dos conteúdos curriculares e da prática profissional”. Sendo assim, seu objetivo é introduzir os estudantes dos cursos de Licenciaturas sendo bolsistas e voluntários a partir do quinto período de graduação, ao cotidiano das escolas fazendo com que haja uma articulação entre a teoria aprendida na graduação e a prática que deve ser aplicada na escola.

Segundo a Portaria GAB. nº 38, de 28 de fevereiro de 2018:

Art. 2º São objetivos do Programa de Residência Pedagógica:

- I. Aperfeiçoar a formação dos discentes dos cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e que conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnósticos sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias;
- II. Induzir a reformulação do estágio supervisionado nos cursos de licenciatura, tendo por base a experiência da residência pedagógica;
- III. Fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre a IES e a escola, promovendo sinergia entre a entidade que forma e aquelas que receberão os egressos das licenciaturas, além de estimular o protagonismo das redes de ensino na formação de professores; e

IV. Promover a adequação dos currículos e das propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). (BRASIL, 2018).

O programa em questão é dividido em fases, são elas um período destinado a estudos sobre o mesmo na Instituição de Ensino Superior com o intuito de conhecer a fundo a sua funcionalidade e a aplicação. A ambientação na escola como um todo para poder conhecer melhor onde ele irá atuar assim como todos os espaços da unidade escolar, observação em sala de aula, verificando sobre com se dá a atuação do docente e interação com os alunos entre outras coisas. Se tratando da Residência como uma nova forma de imersão do acadêmico na escola, Pereira (2018, p. 34) afirma ainda que, “ela deve possuir características de intencionalidade, estruturação, supervisão e continuidade que a tornem diferente do estágio tal como vem sendo realizado em grande parte dos cursos de formação”.

A próxima fase é a fase de pré-regência onde o acadêmico tem a função de ajudar o docente nos afazeres da sala de aula e a regência onde o residente assumira o controle da sala por um período de tempo mais sempre com a supervisão do docente titular que estará presente para orientar o mesmo sobre como proceder durante esse período. Por fim, é necessário que o acadêmico residente desenvolva e aplique um projeto de intervenção onde jogar necessário e que este sirva para aumentar a qualidade do ensino ofertado pela instituição fazendo assim com que haja um aumento no índice de aprovação e qualidade da escola.

1.3 O LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM E ESCRITA

Diante das situações educacionais na atualidade sair do convencional em muitas das vezes pode ser muito bom, principalmente quando se leva em conta o aprendizado de crianças. Ou seja, o uso da ludicidade e dos jogos com as crianças no ciclo de alfabetização ajuda e muito no desempenho dos mesmos. Nesse contexto podemos destacar a visão de Macedo (2005, p. 16) onde ele diz que, valorizar o lúdico nos processos de aprendizagem significa, entre outras coisas, considerá-lo na perspectiva das crianças. Para elas, apenas o que é lúdico faz sentido.

Nessa mesma linha de raciocínio, Pereira (2014, p.10) afirma que, “o lúdico é essencial para o desenvolvimento intelectual de uma criança, por que proporciona

liberdade e estimula a imaginação”. Sendo assim, cabe ao professor reconhecer a importância de se utilizar o brincar como metodologia de aprendizado, pois de uma forma mais ampla o trabalho que inclui a ludicidade como metodologia pode ser bem mais proveitoso tanto para o que vai ensinar quanto para os que iram aprender.

Sabe-se que na faixa etária dos seis aos oito anos ainda é um pouco complicado prender a atenção da criança para determinadas situações como é o caso do aprendizado. Pode-se perceber que a maioria das crianças se distrai com facilidade se estiver fazendo algo que não é do seu agrado, qualquer outra coisa por mais simples que pareça vai chamar sua atenção em determinado momento. Então uma ótima metodologia que deve ser bem explorada é a introdução da ludicidade nessa fase. Nesse contexto, pode-se tomar como exemplo, o relato de Kishimoto *et al* (2011, p. 203):

No entanto, houve progresso na escolarização, conforme depoimentos de professoras de 2ª a 5ª séries que acompanharam as crianças em outros anos: “Os jogos auxiliam o raciocínio matemático e a linguagem”, “as crianças são mais felizes, falam mais, aprendem e são mais expressivas e críticas”, “já estão acostumada com a rotina escolar”, “chegam com mais autonomia no 2º ano”, “os que não estavam alfabetizados, quando chegavam no 2º ano tinham uma grande bagagem de conhecimentos adquiridos no 1º ano que possibilitou avanços rápidos nas suas hipóteses de leitura e escrita”.

Fazer com que os alunos possam manusear os mais diversos tipos de materiais educativos como livros, jornais, revista, rótulos, etiquetas, entre outros, também é de grande importância, uma vez que assim os discentes podem ter um contato mais próximo com as diversas formas de escrita que existem. Desse modo, compete ao professor desenvolver atividades que envolvam esses materiais, sem falar que este tipo de trabalho é considerado multidisciplinar e pode envolver mais de uma disciplina ao mesmo tempo.

Macedo (2005, p. 27) afirma que o uso dos jogos como metodologia de ensino pode ajudar o professor a reconhecer os motivos pelo qual o aluno detém um baixo aprendizado, pois ele utiliza o jogo para avaliar o desempenho do aluno através do comportamento do mesmo, da forma de jogar, entre outros. O autor conclui que, o professor deve sempre que possível fazer um levantamento do aprendizado da turma, verificando quais são as dificuldades mais frequentes e analisando quais as possibilidades de reversão do caso.

Ao introduzir a ludicidade em sua metodologia de ensino, o professor vai perceber que pode facilitar muito o processo de ensino aprendizagem, uma vez que, por ser algo diferente do habitual da criança ela vai dar uma atenção mais privilegiada ao assunto, cabe ao docente saber explorar essa ferramenta. O uso dos mais diversos jogos e matérias também vai fazer com que a criança trabalhe a sua concentração, esse atributo se bem desenvolvido trará diversos benefícios ao aprendizado dos alunos.

No que diz respeito ao uso dos jogos em sala de aula Kishimoto *et al* (2011, p. 197) afirma que,

Os jogos e materiais destinados ao letramento permeiam as práticas pedagógicas: crachás de nomes, bingo (letras do nome, letras, letra inicial das palavras, objetos de cozinha, números), jogo de linguagem – chamado bate-bate alfabeto – em que letras formam pares (minúsculas/maiúsculas, imprensa/cursiva), percurso do alfabeto, loto para leitura, jogo do alfabeto no pátio, desafio das figuras (escrita com letras móveis), uso do normógrafo (letras vazadas), desenho e escrita com giz no pátio, blocos lógicos, dominó, uno, jogos de cartas, parlendas, jogo de percurso, jogo do número no pátio, jogos de palitos, entre outros.

Trabalhar jogos que envolvam a leitura e escrita pode desenvolver nos alunos o desejo de aprofundar-se mais no mundo alfabetizado, e nesse sentido, o docente tem disponível uma gama enorme de atividades que ele pode aperfeiçoar de acordo com seus objetivos para desenvolver com seu alunado. Trata-se de uma forma de tentar ressignificar essas práticas, tornando-as prazerosas para as crianças.

Nos dias atuais, a maioria das escolas públicas possui laboratório de informática que também pode ser explorado com esse intuito, já que as crianças da atualidade detêm uma facilidade muito grande em manusear esses instrumentos eletrônicos. O professor saber usar essas ferramentas ao seu favor, haja vista que na internet ele pode encontrar uma vasta quantidade de jogos educativos que podem ser utilizados pelas crianças.

Os jogos e as brincadeiras proporcionam as crianças um aprendizado contínuo, a interação com lúdico proporciona um aprendizado prazeroso dando mais estímulos as crianças, com essas práticas o professor enriquece seu trabalho didático, tais práticas vão qualificar suas aulas, possibilitando um melhor rendimento escolar. (RAMOS, 2003 *apud* PEREIRA, 2014, p.10).

Portanto, uma atividade que envolva brincadeira, estimula o interesse da criança fazendo com que ela desenvolva além do aprendizado, que é o objetivo

principal deste período a capacidade de se socializar com os demais colegas por meio da interação e cooperação. Dessa forma, o professor pode se apropriar dessas atividades para mediar o conhecimento através da ludicidade.

O lúdico é fundamental para o desenvolvimento como um todo da criança, e se atrelado ao processo de ensino aprendizagem faz com que o conhecimento chegue a suas mãos de uma forma agradável, prazerosa e principalmente significativa uma vez que distância o aluno das pressões do cotidiano escolar.

O uso contínuo dessas atividades facilita o aprendizado porque traz motivação a criança em participar das aulas, uma vez que a brincadeira de uma forma geral faz com que as aulas sejam vistas como novidades despertando assim nos discentes o desejo de aprender mesmo que por vezes possa ser de forma inconsciente.

Macedo (2005, p. 37) mostra qual é a visão de um docente que não utiliza esta metodologia para facilitar o aprendizado das crianças, onde afirma que, um profissional não habituado a usar jogos como instrumento de avaliação e intervenção pode considerar difícil enxergar tantas qualidades e duvidar das possibilidades de utilizá-los em sua prática pedagógica.

Para alguns professores a brincadeira vai ao oposto do ensinar, eles veem o tal ato como tempo perdido, não dando a devida atenção a essa metodologia, deixando apenas um curto período de tempo para a prática de atividades lúdicas. Geralmente acontece apenas no dia de recreação onde as atividades são desenvolvidas de forma aleatória, as crianças ficam soltas. Nesse caso, muito provavelmente não ocorrerá uma aprendizagem significativa por conta de vários fatores.

É preciso compreender que os jogos e as brincadeiras são diferentes recursos que podem ser utilizados no processo de ensino aprendizagem e que, se introduzidos à metodologia de trabalho do docente, esses podem trazer novas interações entre a criança e o aprendizado.

Existem inúmeras possibilidades de incorporar a ludicidade na aprendizagem, mas para que uma atividade pedagógica seja lúdica é importante que permita a fruição, a decisão, a escolha, as descobertas, as perguntas e as soluções por parte das crianças e dos adolescentes, do contrário, será compreendida apenas como mais um exercício. (BRASIL, 2006, p. 43).

Ao planejar uma atividade lúdica, o docente deve em primeiro lugar ter a consciência do que deseja almejar com essa prática, é preciso saber definir se ele quer apenas brincar por brincar, ou seja, com propósito de animação ou se deseja por meio da experiência fazer com que os alunos detenham algum conhecimento.

A partir dessas reflexões acima, pode-se afirmar que a brincadeira deve ser reconhecida como uma prática que fará com que a criança desenvolva os valores sociais, o aprendizado, a socialização, ou seja, diversos conhecimentos adquiridos por meio da ludicidade.

2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

2.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: ASPECTOS CONCEITUAIS

Hoje, pode-se dizer que a nova visão da escola e do aprendizado que é proporcionado por ela vem remodelando a forma de se tratar o processo de alfabetização, com o passar dos tempos foi se tornando essencial o estudo e fortalecimento das novas formas de avaliação educacional desenvolvidas pelos governos, verificou se um crescente avanço das políticas educacionais, e nesse sentido, a BNCC está normatizada pela Portaria nº 1.570, de 20 de dezembro de 2017 – CNE. Ela pode ser descrita como uma ação governamental em forma de guia que traz diversas maneiras de se trabalhar o ensino e aprendizagem com o objetivo de remodelá-lo como um todo, onde se permeia desde a formação continuada dos docentes até a escolha dos conteúdos a serem aplicados. Assim pode-se concluir que:

[...] a BNCC assume um papel estratégico nas ações educacionais perante todos os educadores e gestores do Brasil, pois se dispõe a seguir dois rumos: orientar a formação inicial e continuada de professores e servir de apoio à elaboração dos materiais didáticos (incluindo livros e materiais audiovisuais) que ainda serão desenvolvidos. (AZEVEDO; DAMACENO 2017, p. 85).

A BNCC é um documento que traz as normas a serem seguidas no que diz respeito ao processo de aprendizagem, assim como, quais as competências que devem ser desenvolvidas pelos alunos durante seus estudos, de modo que os mesmos gozem de todos os direitos de aprendizagem e desenvolvimento que se são oferecidos por lei. A BNCC pode ser vista como o pontapé inicial para o tão sonhado resgate da educação no Brasil. Como já dito anteriormente ela oferece entre outras coisas 10 competências que o aluno deve alcançar ao final de cada ciclo e que devem ser seguidas ao pé da letra, fazendo com que este desenvolva seu aprendizado, sua criticidade e sua cidadania.

De acordo com as disposições gerais da LDB que tratam da educação básica, em seu “Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.” (BRASIL,

2016, p.11). Pode-se dizer que esse artigo é considerado um dos princípios que rege a BNCC uma vez que ela visa à formação integral do aluno onde o mesmo possa ter todo o acesso necessário as aprendizagens essenciais e não somente aos conteúdos que são vistos como obrigatórios para o processo educacional.

Nesse contexto, é de suma importância que se una a prática escolar à vivência cotidiana, de acordo com o CNE, “Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a criança desenvolve a capacidade de representação, indispensável para a aprendizagem da leitura, dos conceitos matemáticos básicos e para a compreensão da realidade que a cerca,” (BRASIL, 2010, p. 09). E nesse período deve se intensificar os trabalhos que envolvem a alfabetização e o letramento simultaneamente.

Esse processo ainda deve ser bem estudado e se preciso, revisto por parte da comunidade escolar como um todo, haja vista que apesar de todos os esforços voltados a um processo de escolarização que seja considerado positivo ainda é exorbitantemente grande o número de alunos que não estão devidamente alfabetizados. Conforme as políticas de avaliações educacionais vêm mostrando, principalmente quando se trata das crianças que estão no final do ciclo de alfabetização.

Cabe à equipe que atua na escola trabalhar em conjunto e priorizar mais o processo de alfabetização, pois sabe-se que se tem disponível uma variedade enorme de materiais educativos que podem auxiliar o docente no que diz respeito principalmente à leitura e compreensão de textos que devem ser vistas como a base da alfabetização. Nessa linha de pensamento, Rojo (2009, p. 75) afirma que, “Ler envolve diversos procedimentos e capacidades (perceptuais, motoras, cognitivas, afetivas, sociais, discursivas, linguísticas), todas dependem da situação e das finalidades da leitura [...]”. Para tanto, o professor precisa fazer com que o aluno entenda que ele não deve ler por obrigação e sim por que a leitura fará parte de toda sua trajetória.

A prática da leitura frequente leva ao ser humano uma facilidade muito grande no processo de escrita de textos, além de desenvolverem seu senso crítico em relação a determinados assuntos. Sendo assim, o que deve ser explorado pelos docentes é o fato de que os alunos devem se familiarizados com os mais diversos gêneros textuais e a partir daí incentivados a produzirem seus próprios textos, onde eles estarão exercitando seu aprendizado através da prática.

[...] é importante destacar que apenas o convívio intenso com textos que circulam na sociedade não garante que os alunos se apropriem da escrita alfabética, uma vez que essa aprendizagem não é espontânea e requer que o aluno reflita sobre as características do nosso sistema de escrita. (SANTOS, 2007, p. 18).

Deve-se explorar além da alfabetização a prática do letramento, segundo Soares afirma que, existe um entrelaçamento entre estes dois vocábulos (2003, p. 05). Defende ainda, que os dois termos não devem se separar nem na teoria nem na prática pedagógica, pois a criança “analfabeta” depende tanto de um como de outro para adentrar ao mundo da leitura e escrita.

Nessa mesma linha de raciocínio, a obra organizada por Santos e Mendonça (2007) discorre sobre a alfabetização, lembrando que este termo vem passando por modificações. Até que em meados de 1990 passou a haver uma relação entre alfabetização e letramento, isso porque antes desse período, para se alfabetizar uma criança, primeiro se ensinava a ela todas as letras, só depois de a criança conhecer o alfabeto é que passava a ter contato com palavras, frases e pequenos textos. Até então a criança “lia”, mas não compreendia o que estava lendo, pois ela era apresentada apenas ao mundo da codificação e decodificação.

No que se refere à temática da Alfabetização e Letramento, se tem também a contribuição de Carvalho e Mendonça (2006, p. 10), que entendem ser o homem letrado, mesmo sem ser alfabetizado, pois o mesmo está inserido em uma sociedade considerada letrada. Os autores afirmam que a prática do letramento, mesmo que sempre seja vista associada à alfabetização deve ser considerado um processo histórico social, uma vez que o letramento está quase sempre relacionado com a escrita, e que um indivíduo só pode ser considerado iletrado se ele viver em um local que não sofra influência alguma da prática escrita.

Quando se fala da importância da leitura e escrita, Guidetti e Martinelli (2007, p. 176) justificam sua opinião sobre o tema falando da importância de saber ler e escrever, uma vez que a partir daí que a criança estará livre para se expressar através das práticas de letramento. Desse modo, é de suma necessidade que se alfabetize muito bem as crianças, pois se sabe que o processo ensino aprendizagem inicia-se pela alfabetização e cabe à escola desenvolver métodos que facilitem essa alfabetização.

Almeida e Fararo (2014, p. 206, 207) enfatizam que, quando a criança vai para a escola, já leva consigo vários contatos que teve com a prática do letramento

em seu entorno familiar e social. De posse desse conhecimento, o professor deve mostrar aos seus alunos outras formas de adentrar a cultura letrada, por exemplo, fazendo leitura de diversos gêneros textuais presentes em livros, gibis, revistas, entre outros. Agindo assim, o professor fará com que o aluno reconheça a importância da leitura e da escrita, pois irá precisar dominar muito bem ambos para se inserir no mundo social de forma alfabetizada e letrada.

Nos dias atuais, ler e escrever bem, com coesão e coerência é de suma necessidade, nas escolas públicas principalmente se tem alunos que sabem “ler e escrever”, mas se pedir para esses alunos redigirem um texto crítico expondo sua opinião sobre determinando tema, eles provavelmente não conseguirão desenvolver com êxito essa atividade. Para Lima, Santos e Maior (2004, p. 111), “o uso da leitura e da escrita se apresenta como indispensável, principalmente se considerarmos que vivemos em uma sociedade que atribui à leitura e à escrita um grande valor”, daí a grande importância de ser alfabetizado e letrado.

Sob esse viés, entende-se que, esse processo deve ser desenvolvido principalmente pelas crianças que estão saindo do ciclo de alfabetização onde passaram a ter um contato mais amplo com a leitura e escrita. É preciso reconhecer que uma criança se bem alfabetizada vai saber interpretar qualquer conteúdo que estiver a sua frente, não tendo assim dificuldade de expor seu ponto de vista diante de determinada situação ou atividade que lhe for proposta.

Atividades que envolvem leitura e interpretação podem ser resolvidas facilmente se o aluno tiver um nível alto de conhecimento que é adquirido através da leitura, “A ativação do conhecimento prévio é, então, essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer inferências necessárias para relacionar diferentes partes discretas do texto num todo coerente.” Lopes (2010, p. 17). Em todo caso é preciso ler e compreender o que se pede, fica evidente então que a alfabetização é um processo que não se limita apenas a ler e escrever, mas sim, entre outras coisas compreender o processo funcional da língua portuguesa.

Para tanto é compreensível que o processo de aprendizagem da leitura e da escrita como um ato exclusivamente educacional deve ser feito, por duas maneiras, são elas: a técnica que é a alfabetização e o letramento que diz respeito ao uso social da língua. Deve-se compreender que essas duas maneiras, mesmo com

nomes e formas diferentes, devem ser utilizadas simultaneamente, pois além de serem indissociáveis uma complementa a outra como um todo.

Mas o que vem a ser alfabetização e letramento afinal? Segundo o conceito de Soares (2003) *apud* Lopes (2010, p. 10):

A alfabetização é a aquisição do código da escrita e da leitura. Segundo Magda Soares, esta se faz pelo domínio de uma técnica: grafar e reconhecer letras, usar o papel, entender a direcionalidade da escrita, pegar no lápis, codificar, estabelecer relações entre sons e letras, de fonemas e grafemas; a criança perceber unidades menores que compõem o sistema de escrita (palavras, sílabas, letras).
Letramento é a utilização desta tecnologia em práticas sociais de leitura de escrita.

Assim sendo, fica evidente que as crianças necessitam ser alfabetizadas e letradas simultaneamente para que o processo educacional ocorra com o êxito esperado. Portanto, cabe ao grupo escolar criar metodologias que possam desenvolver essas crianças para que de fato elas possam ser consideradas alfabetizadas na perspectiva do letramento como o esperado, e para isso o governo vem criando uma gama de programas que podem auxiliar esse processo.

2.2 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DE ALFABETIZAÇÃO

Evidencia-se a utilização de vários métodos de alfabetização, e numa sala que geralmente é heterogênea, onde se tem crianças com os mais diversos níveis de aprendizado, o docente dificilmente conseguirá alfabetizar todos os alunos usando uma única metodologia. Desse modo, compete ao professor usar seu conhecimento para verificar qual a melhor maneira de se trabalhar com seus alunos de uma forma que se consiga repassar o aprendizado de forma homogênea e contínua. Segundo, Carvalho e Mendonça (2006, p. 31), “Mudanças conceituais ocorridas no campo da alfabetização trazem como consequência, mudanças nas decisões metodológicas e nos procedimentos didáticos a ela relacionados”. Logo, faz-se necessário o professor enquanto agente educador refletir sobre sua prática pedagógica tendo em vista as constantes mudanças que o cenário educacional vem passando.

Nesse sentido, Frade (2005, p. 08) defende que:

A prática de alfabetização é composta de modos de fazer assumidos por quem alfabetiza e também pelas teorias que vão se consolidando a cada época e, seja com o nome de técnicas, de métodos, de metodologia ou de didáticas de alfabetização, o fato é que os professores sempre precisaram/precisam conhecer e criar caminhos para realizar da melhor forma o seu trabalho.

Os desafios encontrados pelo professor nesse período são os mais diversos no que diz respeito esse assunto. Se analisar bem, quando se trata do processo de alfabetização, os métodos tradicionais ainda são muito usados na maioria das escolas, porém existe quem afirmem que, tais métodos não são tão eficientes quanto os demais, já que fazem com que o aprendizado ocorra de maneira artificial e sem sentido algum para os alunos.

É notório que uma parcela significativa dos docentes ainda vê os métodos tradicionais como o ponto de partida da educação, talvez por serem mais fáceis de aplicar ou mesmo por acomodação dos professores no que diz respeito a buscar novas metodologias de ensino, pode-se defini-los como métodos de soletração, fônicos e silábicos e em relação à utilização dos mesmos.

Tais métodos privilegiam os processos de decodificação, as relações entre fonemas (sons ou unidades sonoras) e grafemas (letras ou grupos de letras) e uma progressão de unidades menores (letra, fonema, sílaba), as unidades mais complexas (palavra, frase, texto). Embora focalizem capacidades essenciais ao processo de alfabetização – sobretudo a consciência fonológica e a aprendizagem do sistema convencional da escrita – tais métodos, quando utilizados parcialmente e de forma exclusiva, apresentam limitações. Não exploram as complexas relações entre fala e escrita, suas semelhanças e diferenças. Além disso, pela ênfase que atribuem à decodificação, resultam, muitas vezes, em propostas que descontextualizam a escrita, seus usos e funções sociais, enfatizando situações artificiais de treinamento de letras, fonemas ou sílabas. (CARVALHO; MENDONÇA, 2006, p. 31.).

O uso constante desses métodos acima citados faz com que não só o docente se acomode e os alunos também, pois nesse caso eles podem ser considerados apenas expectadores, pois não chegam a produzir conhecimentos algum eles apenas reproduzem de maneira mecânica o que lhes foi “ensinado”. Além de os alunos geralmente não poderem expressar sua opinião referente a determinado assunto já que o foco sempre é o professor, o detentor do conhecimento.

Frade (2005, p. 11) fala ainda sobre os docentes, onde conforme o tempo de formação se pegarem uma turma heterogênea, podem se sair bem no trabalho com o método tradicional ou o inverso, assim como docentes que investem em novas

formas de se alfabetizar, e os que estão tentando descobrir novas teorias de alfabetização porém não obtiveram êxito ainda. Assim, a autora conclui ainda que: “A alfabetização vai muito além de métodos e “não-métodos” e de paradigmas teóricos rígidos”.

Outro autor que fala sobre os métodos de ensino é Silva (2013), onde ele defende que o docente da atualidade não deve se prender a métodos de ensino que podem ser considerados ultrapassados como é o caso do tradicionalismo, é preciso reconhecer que os tempos e as visões são outras. Nesse caso, basta o docente se empenhar em buscar novas formas de ensinar, para que possa desenvolver seu trabalho com mais qualidade.

Atualmente, percebe-se que as escolas ainda estão presas aos métodos tradicionais onde a criança é um mero objeto a ser moldado, no entanto, a literatura atual tem dado exemplos variados de forma como as crianças podem aprender. O construtivismo, teoria defendida por Piaget, onde o eixo principal do processo é mostrar a construção e o desenvolvimento por parte do discente, passando e educando a ser visto como um sujeito que constrói seu conhecimento, tornando-se capaz de agir sobre o mundo, transformando-o e, conseqüentemente, exercendo de forma plena sua cidadania. (SILVA, 2013, p. 58).

O método construtivista tem um diferencial que é o de fazer com que o aluno busque seu conhecimento através da curiosidade, que ele participe ativamente do seu aprendizado, que desenvolva seu raciocínio utilizando-se principalmente da dúvida, em um ambiente construtivista pelo fato de se trabalhar constantemente a auto avaliação não se tem a rigidez que pode ser vista no tradicionalismo.

É importante salientar que o docente pode caminhar por todos os métodos de alfabetização existente. É possível saber utilizá-los a seu favor, haja vista que, o que se espera de fato com isso é que se obtenha êxito no processo de ensino e aprendizagem. Quanto ao uso da linguagem, Teberosky (2001, p. 15) afirma que, “se o professor é capaz de oferecer uma ajuda efetiva quanto à diversidade das situações de uso, a criança poderá aprender, por meio desse uso, as regras de funcionamento da língua escrita”.

No que diz respeito ao processo de alfabetização, Cagliari (1993, p. 09) fala sobre a importância deste processo:

O processo de alfabetização inclui muitos fatores, e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento

emocional, de como vem evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais.

Este é mais um autor que defende a importância do docente sondar previamente seus alunos e só a partir dessas observações, desenvolver sua metodologia de trabalho, buscando sempre formas de alfabetização que não se tornem cansativas para ambas as partes. O autor enfatiza também a importância de se ensinar ao aluno não só escrever mas a ler, pois segundo o mesmo, “a atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler do que escrever.” (CAGLIARI, 1993, p.148).

Saber ler e compreender o que está sendo lido é o que se espera que aconteça com os alunos durante o processo de alfabetização e que deve ser aperfeiçoada nos anos subsequentes. A pessoa que escreve bem, porém não consegue ler nem internalizar o que foi lido não deve ser considerada alfabetizada, pois a leitura e compreensão são vistas como os complementos fundamentais da escrita.

Outra autora que cita a importância de a criança ter uma variedade extensa de material que didático disponível é Ferreiro (2015, p. 25), traz como exemplo o nível de conhecimento de uma criança que tem em seu lar pais que são adeptos da leitura. Segundo a mesma, a criança está constantemente rodeada de livros e revistas dos mais diversos gêneros entre outros materiais didáticos ou não, porém que envolvam leitura, estes pais, oferecem todo o suporte possível a seus filhos com o intuito de fazer com que essas crianças desenvolvam gosto pela coisa.

Ainda segundo a visão de Ferreiro (2015, p. 25) sobre o processo de alfabetização, a autora diz que:

O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvidas em um ambiente social. Mas, as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças. Quando tentam compreender, elas necessariamente transformam o conteúdo recebido. Além do mais, a fim de registrarem a informação, elas a transformam. Este é o significado profundo de assimilação que Piaget colocou no âmago de sua teoria.

Vale salientar que tanto Ferreiro quanto Teberosky possuem pensamentos iguais que mostram que o processo de alfabetização sempre se inicia pela escrita de

nomes próprios. Possuem estudos com a mesma linha de raciocínio, tendo como base principal a o nome da criança, o que as levam concluir que:

O conhecimento do próprio nome tem duas consequências importantes: em primeiro lugar, é uma escrita “livre de contexto”, quer dizer, uma escrita de interpretação estável, que não depende das vicissitudes do contexto e, em segundo lugar, é uma escrita que facilita uma informação sobre a ordem não aleatória dentro do conjunto de letras. (FERREIRO, 1982 *apud* TEBEROSKY 2001, p. 34).

O reconhecimento das letras que compõem seu nome faz com que as crianças possam ter o primeiro contato com essas ferramentas, uma vez que elas precisam compreender que para se escrever deve-se utilizar as letras. Ou seja, as crianças precisam saber que as letras do alfabeto quando organizadas formam palavras, textos e o próprio nome delas. Assim, conforme a criança vai avançando seu nível de aprendizado vai aprendendo que a forma correta de se escrever é da direita para a esquerda, aprendendo a utilizar as margens do caderno, a trabalhar com os mais diversos sinais gráficos, assim reconhecendo a importância de sua utilização na construção de palavras, e textos.

É pertinente fazer a utilização dos nomes próprios no desenvolvimento dos níveis de escrita da criança, e com as observações feitas através da escrita em que a criança se encontra. O docente é o responsável por analisar e anotar os avanços observados, pois se torna necessário saber reconhecer qual nível esse aluno se encontra ao final de cada ano letivo. A seguir tem-se a definição de cada um desses níveis de acordo com Silva (2013, p. 61):

A criança no nível pré-silábico, representa com rabisco, desenhos ou letras; acredita ao fazê-lo, que está escrevendo; não percebe ainda a escrita como representação da fala. A criança no nível silábico, faz uma correspondência de quantidade de sílabas para quantidade de sílabas para quantidade de letras, as letras usadas não demonstram correspondência com o valor do som das letras, por isso usa qualquer uma, não acredita que letras ou sílabas possam ser repetidas numa palavra. A criança no nível silábico-alfabético, conhece o valor sonoro convencional de algumas ou de todas as letras, já consegue juntar sílabas, procura colocar letras que lhe corresponde.

Nessa perspectiva, o docente alfabetizador precisa conhecer bem como funcionam esses níveis de escrita, pois como falado acima durante e ao fim de cada ano do ciclo de alfabetização precisará avaliar seus alunos fazendo assim um acompanhamento na aquisição da escrita dos mesmos em forma de diagnose.

Utilizando esses resultados cabe à equipe escolar desenvolver novas metodologias para aprimorar ou reformular a prática docente, buscando sempre desenvolver uma educação de qualidade.

Uma maneira eficaz de medir o nível de escrita do aluno é fazendo com que ele escreva, desenvolver atividades em sala que impulsionem a criança a escrever conta e muito na hora da verificação de como está seu nível de escrita. Pode-se trabalhar atividades como a produção de bilhetes, ou contando algo de sua vida cotidiana entre outras coisas. O professor deve usar de sua criatividade e proporcionar tais atividades com o intuito de avaliar seus alunos. A avaliação dos alunos deve ser feita constantemente e a partir dos resultados obtidos cabe ao docente decidir se pode continuar da mesma forma ou se ele precisa reavaliar seus conceitos acerca do ensino-aprendizagem.

2.3 DESAFIOS DO PROFESSOR NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

Quando se fala na formação docente, especialmente do pedagogo que é o profissional capacitado para alfabetizar as crianças, vem em mente como este profissional é preparado em sua formação acadêmica para estar atuando na área, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, onde o mesmo tem que ter muito jogo de cintura para levar os alunos ao mundo da alfabetização e do letramento, simultaneamente sem anular um ou outro. Dessa forma, é de suma importância que o professor tenha conhecimento e bagagem suficiente sobre as temáticas para poder então ensinar seus alunos. Segundo Lima (2015, p. 90), “a prática pedagógica não pode basear-se numa escolha entre alfabetizar e letrar, mas, numa proposta de integração de condições de culturas e de aprendizado”.

Ao falar dos problemas que podem dificultar o processo de alfabetização das crianças, Teberosky (2001, p.105) afirma que em alguns casos a escola é uma das culpadas pelo desinteresse dos alunos pela leitura, pois uma escola que oferece um leque de materiais didáticos que podem ser trabalhados no processo de leitura e escrita de forma reduzida pode estar fazendo com que os alunos desenvolvam o desinteresse por ler e conseqüentemente escrever. Dentre esses problemas que dificultam alfabetização dos alunos, a referida autora afirma ainda que:

Muitos professores estariam de acordo que a maioria das crianças das series iniciais apresentam dificuldades na compreensão da leitura e na redação de textos escritos. Muitas vezes, essas dificuldades são insuperáveis. Os professores sabem, também, que se tem procurado razões para explicá-las:

- razões de ordem social e familiar;
- razões individuais;
- razões pedagógicas. (TEBEROSKY, 2001, p. 105)

Diante de tais afirmações fica uma questão a ser verificada, o que o professor pode fazer para que estas razões não sejam empecilho para o mesmo desenvolver seu trabalho de maneira positiva? Cabe ao docente não deixar que isso interfira no seu trabalho, tentar de todas as metodologias possíveis para fazer com que o aluno deixe de lado esses “problemas” pelo menos no momento da aula. É uma situação um tanto quanto complexa, pois vai exigir uma dedicação maior do professor no trato com seus alunos.

Hoje muito se fala da importância do docente trabalhar a interdisciplinaridade na sala de aula principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, porém o que não é exposto é a dificuldade que este pode ter em desenvolver tal ato, já que existem diversos fatores que podem ser considerados empecilhos para o bom desenvolvimento dessa metodologia.

Nesse sentido pode-se compreender que, segundo o que defende Brasil (2015, p. 07), “Isso exige dele a saída de sua zona de conforto na tentativa de articular as áreas de ensino, o que não é tarefa fácil para quem, em sua grande maioria, viveu sua escolarização em contato com a fragmentação do conhecimento”. As propostas curriculares são as melhores possíveis, porém parecem não levar em conta as dificuldades que podem ser encontradas pelos professores para cumpri-las.

Isso porque estes passaram por uma formação de base onde os conteúdos eram todos desmembrados, e mesmo com todos os cursos de aperfeiçoamento e formações continuadas uma grande parte dos docentes ainda se sentem inseguros em desenvolver tal prática em sala de aula por conta de diversos fatores, entre eles, a falta de estrutura no que diz respeito a materiais didáticos que possam complementar e facilitar o trabalho do professor.

Em sua tese de mestrado intitulada: “A alfabetização e os desafios para o professor recém-formado”, Ferreira (2017, p. 05) vem abordando em sua pesquisa quais são os principais desafios do professor em início de carreira quando se trata do processo de alfabetização, em que a autora afirma que:

Em relação aos desafios, observamos como resultados: formação inicial fragilizada que acaba distanciando a teoria da prática; salas de aulas com muitos alunos; estágios realizados com lacunas nas supervisões; currículo de formação com mais ênfase nas teorias do que nas práticas/metodologias alfabetizadoras; falta de um planejamento, ou mesmo, de um projeto político pedagógico que oriente o professor-alfabetizador recém-formado em seu fazer; além da descontinuidade das políticas de formação continuada.

Dentre os questionamentos da autora, o que se destaca entre as outras observações é a questão da formação inicial do docente, onde ela critica a forma que é tratado esse assunto, pois segundo a mesma os cursos de formação docente deveriam fazer uma ligação bem mais ampla da teoria à prática.

Na maioria dos casos, o docente acaba descobrindo como vai trabalhar quando chega à sala de aula e se depara com uma realidade totalmente distinta da que ele conheceu através dos ensinamentos obtidos durante sua formação. Ela conclui então que “Muitas vezes, o professor incorpora no ato de ensinar as marcas de suas experiências vividas no seu tempo de escola e nos modelos de professores que fizeram parte de sua formação.” (FERREIRA, 2017. p. 20).

Pode se considerar também, que uma das maiores dificuldades encontradas pelos professores na atualidade diz respeito à falta de valorização desse profissional, pois, “Os baixos salários levam ao fenômeno da intensificação e as condições não condizentes de trabalho influenciam a autoestima dos docentes, sendo parte substancial das mazelas que se instalam nas suas trajetórias profissionais.” (CUNHA, 2013, p. 618). Claro que não é somente problemas referentes à valorização profissional que vem atrapalhando o processo de ensino-aprendizagem por parte dos docentes, mas têm também as questões sociais como a violência constante que está perpassando os muros escolares, o estresse do dia-a-dia, a falta de respeito com o próximo entre outras coisas, tudo isso vai fazendo com que o professor fique desestimulado a desenvolver um trabalho de qualidade.

É durante o ciclo de alfabetização, que se exige um maior empenho do professor uma vez que esse período é considerado como a base da aprendizagem e na prática nada deve afetar esse processo, no entanto não é bem o que vem acontecendo. E com objetivo de tentar reverter esse quadro negativo, a nova estrutura curricular proposta pelo governo, nada mais é do que uma tentativa de acabar com os altos índices de analfabetismos existentes, sem contar os analfabetos funcionais que são aquelas pessoas que sabem ler, porém não

compreendem o que foi lido, ou seja, não conseguem absorver o conteúdo para posteriormente expor sua opinião se preciso for.

Um problema que está no âmbito deste discurso é o tratamento aos alunos que ainda não escrevem e não leem com autonomia como eles assim já procedessem. Esse fato torna-se mais complexo quando, ao prescreverem a alfabetização através de textos, muitas vezes, não se dedica tempo e esforços para orientar atividades em que os alunos reflitam sobre o sistema alfabético de escrita. É bom lembrar que viver em um mundo letrado, mediado por situações de leitura e escrita, não é o mesmo que dominar esses processos com autonomia. Se assim fosse não haveria adultos não alfabetizados. (SILVA, 2013, p. 59, 60).

Com base no texto acima, pode-se concluir que em alguns casos, o docente tem uma parcela significativa de culpa no insucesso do processo de alfabetização dos alunos e no primeiro ciclo mais ainda, pois, cabe aos professores dessa fase desenvolver e intensificarem as práticas de leitura e escrita com seus alunos. Nesse ciclo mesmo com toda dificuldade existente não deveria haver falhas haja vista que se não sanadas em tempo hábil, elas podem se alastrar pelo resto da vida estudantil dos discentes.

Nesse sentido, ao tratar da qualidade do ensino que deve ser ofertada, pode-se concluir que, quando o educador dispõe de uma formação base de qualidade e procura se aperfeiçoar constantemente, seu trabalho irá facilitar aprendizagem do aluno, uma vez que se apropriar de novas ferramentas e materiais de ensino torna-se de extrema relevância para o alcance de um trabalho de qualidade.

Hoje com o novo modelo de alfabetização que vem se instalando fica cada vez mais visível a importância de o docente buscar se aperfeiçoar constantemente. É preciso entender que não se deve pregar mais um aprendizado mecânico como há tempos atrás, o que se propõe hoje é que o professor não de as perguntas com respostas prontas se espera que ele possa oferecer um ensino instigante onde o aluno sinta a necessidade de buscar respostas contextualizadas.

Esse novo olhar sobre o ensinar faz com que o papel do professor também mude, pois para conduzir estes processos de aprendizagem, exige-se a necessidade de novos processos de formação continuada, permitindo que os professores possam incorporar novos saberes e se mantenham constantemente atualizados. (SILVA, 2017, p. 22).

Vale salientar que, os cursos de capacitações, oficinas e palestras que são oferecidos pelas entidades escolares em formato de formação continuada devem ser desenvolvidos e trabalhados levando sempre em conta a visão do educador, que este possa emitir sua opinião sobre o assunto em questão e não somente ouvir como deve fazer. O professor alfabetizador deve sempre atuar de maneira reflexiva para poder saber como fazer e refazer sua prática caso necessite em algum momento.

É do conhecimento dos docentes a importância da formação continuada, porém alguns profissionais ainda relutam em participar deste processo pelo simples fato, de se ter muita dificuldade em pôr em prática o que foi exposto durante essa formação, mais uma vez fica claro a problemática teoria versus prática. Além disso, pode-se levar em conta a visão dos professores acerca da formação continuada a partir das pesquisas realizadas por Altobelli (2008, p. 40), em sua tese de mestrado onde a autora concluiu que:

Os professores cursistas também reclamavam de problemas que interferiam em seu trabalho, tais como: falta de apoio da direção, falta de trabalho coletivo, problemas de espaço físico e/ou materiais disponíveis, classes lotadas, falta de orientação diante das dificuldades, problemas disciplinares, entre outras questões que, em geral, permanecem à margem das pautas dos encontros de formação.

Em geral esses problemas citados acima são encontrados na grande maioria das unidades educativas, o que faz com que haja um desinteresse um tanto quanto preocupante por parte dos autores da educação, enquanto não haver valorização total do educador é previsível que não se alcance uma educação de qualidade.

Nesse caso apesar de todos os esforços para se ter uma educação de qualidade, é necessário rever as formações continuadas e passar a se aceitar a visão dos professores em torno das dificuldades apontadas por eles no processo de alfabetização, eles precisam receber nesses encontros além dos novos aprendizados soluções para os seus anseios.

E é diante de toda essa realidade educacional que o professor necessita refletir e agir como mediador do conhecimento. Na verdade, os desafios devem servir para amadurecer sua prática, oferecendo subsídios para um novo fazer pedagógico, não permitindo que os desafios o amedrontem, pois, lidar com a alfabetização exige competência e compromisso na busca de uma transformação social e na formação de pequenos cidadãos. (SILVA, 2017, p. 23).

Por fim, o docente enquanto agente principal no processo educativo tem uma missão árdua mais que pode se tornar muito gratificante no final. Isso pode ser notado ao final de um ano letivo quando o professor percebe que conseguiu cumprir seu papel com êxito mesmo com todas as barreiras encontradas que não são poucas por sinal, torna o desempenho da função prazeroso, e é isso que se espera dos profissionais principalmente no ciclo de alfabetização.

3 PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE ITAITUBA/PA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como procedimento metodológico deste estudo, fez-se necessário primeiramente um levantamento bibliográfico dos autores que tratam da temática são eles: Carvalho (2010); Brasil (2016); Pereira (2018); Silveira (2016); Fontes (2015); Kishimoto *et al* (2011); Macedo (2005); Rojo (2009); Soares (2003); Carvalho e Mendonça (2006); Teberosky (2001); Ferreira (2015), assim como a legislação brasileira sobre o ensino fundamental de 9 anos e o Pnaic e de uma pesquisa de campo para conhecer as concepções dos sujeitos envolvidos.

Trata-se, portanto, de uma abordagem qualitativa, que busca conhecer a opinião dos professores do 4º ano do ensino fundamental sobre como os alunos saem do ciclo de alfabetização. Segundo Ludke e André (1986; p. 26), a abordagem qualitativa usa como principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta. A observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens.

Nesse contexto, foi feita uma pesquisa de campo durante o mês de fevereiro de 2019, e para coleta de dados foram utilizados instrumentos como entrevistas com os professores dos anos subsequentes ao ciclo de alfabetização, no caso, duas professoras do 4º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Engº Fernando Guilhon, município de Itaituba-PA, além de uma breve observação de sua prática diária.

Para conhecer melhor os sujeitos participantes desta pesquisa que são professores do 4ª ano do ensino fundamental na Escola Municipal Engº Fernando Guilhon, foi aplicado uma questionário as duas professoras que lecionam na referida escola. A partir desta investigação, foi verificado que as profissionais possuem formação superior em Licenciatura Plena em Pedagogia, ambos com muito tempo de atuação na educação precisamente mais de 20 (vinte) anos. Identificou-se que P1 tem especialização em Supervisão e Orientação Escolar, e P2 possui somente a formação inicial, em que P=Professor. Quanto ao gênero das entrevistadas, ambas

são do sexo feminino, e docentes com mais de 50 (cinquenta) anos de idade, conforme quadro 1.

Entrev.	Graduação Pós-Graduação	Tempo/ Educação	Alunos/ Turma	Métodos de alfabetização	Formas para alfabetizar
P ₁	Graduação em Pedagogia Especialização em Supervisão e Orientação	30 anos	24 alunos	Utiliza vários métodos.	Não se tem uma forma ideal.
P ₂	Graduação em Pedagogia	30 anos	29 alunos	Tradicional “sintético e analítico” e Construtivista.	Não se tem uma forma ideal.

No que diz respeito aos métodos de alfabetização, as docentes foram unânimes sobre os que elas conheciam e utilizavam, onde P1 citou: *“conheço vários métodos de alfabetização e para mim, enquanto profissional, todos são eficazes desde que o aluno aprenda. Não podemos nos desfazer de nenhum método, seja ele tradicional ou não. O construtivismo é importante, porém o tradicionalismo também tem bons resultados.”* Já P2 disse que: *“conheço os mais usados que são o tradicional e o construtivismo, apesar de ser mais adepta ao tradicionalismo, procuro utilizar um pouco de cada um durante minhas aulas”.*

Com base no que foi falado pelas entrevistadas pode-se concluir que elas usam duas correntes educacionais bem conceituadas, porém, deixaram transparecer que preferem usar os métodos tradicionais, que em alguns casos pode surtir um efeito mais positivo, assim como o construtivismo isso depende muito da turma que se está atuando. Durante as observações da rotina durante a aula das entrevistadas, pode-se notar que o modo que P1 organiza a sala é diferente de P2 onde a primeira deixa os alunos bem à vontade na hora de se sentar, desde que não atrapalhem o rendimento da aula, e P2 organiza as cadeiras em fileiras e escolhe onde os alunos devem sentar, colocando nas cadeiras da frente aqueles alunos que tem maior dificuldade.

Quando elas foram questionadas sobre as formas ideais de alfabetizar, cada uma expôs sua opinião, mas que leva a uma só conclusão: que não existe método ideal de alfabetização, pois importante mesmo é o aluno obter conhecimento. Para tanto P1 afirma que *“não existe maneira ideal de alfabetização, os métodos não devem ser vistos como únicos, quando se trata de ensinar a criança a ler, se faz necessário que o professor utilize de vários mecanismos de aprendizagem para despertar o interesse do aluno”.* E P2 disse acreditar que *“a maneira ideal de ensinar*

é a que faz o aluno aprender". E conclui ainda que, *"não se pode fixar uma só metodologia, pois o nível de conhecimento dos alunos geralmente é bem heterogêneo"*.

Hoje pode se concluir que a formação continuada é de suma importância para uma prática mais atualizada dos docentes, e nesse sentido foi questionada as entrevistadas sobre qual a opinião delas sobre a importância do tempo de formação e a prática, assim como sua relação com a formação continuada no ambiente escolar, as entrevistadas deram ênfase positivo a formação continuada mesmo tendo as duas mais de 25 anos de atuação na educação.

Podemos destacar as falas das mesmas onde, P1 afirma que, *"quando se trata de Educação tudo é importante, porque a experiência conta muito, mas com certeza está em formação constante faz com que você melhore seu trabalho e é importante também que você seja um profissional que sempre esteja inovando e se auto avaliando"*. Partindo do mesmo princípio, P2 diz que, *"já atuo na educação há 30 anos, e já ensinei os mais diversos tipos de alunos onde trabalhei e trabalho quase todos os métodos de ensino. Mas, como sempre as coisas vão se atualizando se faz necessário acompanhar essas atualizações, acho que nós enquanto docentes devemos sim ter essas formações continuadas e quanto mais, melhor"*.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Engenheiro Fernando Guilhon, está situada a Avenida Governador Fernando Guilhon (4ª Rua), Bairro Bela Vista. A mesma foi fundada em 04 de outubro de 1976, na gestão do governador Fernando Guilhon, e do prefeito Altamiro Raimundo da Silva. Em seu primeiro ano de funcionamento atendeu um contingente de 250 alunos do Ensino Fundamental.

A partir de então a escola passou por várias reformas e ampliações, para atender as necessidades educativas da comunidade local. Com o passar dos anos, o número de alunos cresceu e logo surgiu a necessidade de ampliação do Ensino Fundamental para o Médio. Diante da necessidade da Instituição, foi implantado no ano de 1996, o Ensino Médio e, passou a chamar-se Escola Estadual de 1º e 2º Graus Engenheiro Fernando Guilhon, oferecendo os cursos Técnicos em Contabilidade e Magistério.

Devido ao processo de municipalização em 1998, o Ensino Médio passou a ser competência do Estado e consequentemente a Escola passou a funcionar somente com a Educação Infantil e Ensino Fundamental, passando assim a chamar-se Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Engenheiro Fernando Guilhon. No ano de 2012 a direção da escola juntamente com o Conselho Escolar inaugurou: A Biblioteca Rosalina Menezes: despertando o hábito e o gosto pela leitura que atualmente está passando por mudanças em seu espaço físico para melhor atender seus frequentadores. A Sala Multifuncional para os alunos da educação Especial totalmente equipada e informatizada dando condições para um ensino aprendizagem de qualidade; O Laboratório de Ciências que no momento está desativado;

Atualmente a Escola possui (16) dezesseis salas de aulas funcionando nos turnos da manhã, tarde e noite. (01) sala de aula Multifuncional de apoio a Educação Especial equipada tecnologicamente, e (01) uma sala de professores totalmente equipada com acesso a internet, (01) uma despensa, (01) uma sala de vídeo, (01) uma área coberta, (01) tele-centro, (01) uma cozinha, (1) biblioteca, (1) secretaria, (1) sala de coordenação pedagógica (04) quatro banheiros.

A escola trabalha com Lema; Educação Se Faz Com Respeito, Compromisso e Coletividade, com isso vem aumentando o seu índice de desenvolvimento. No Plano Político Pedagógico (PPP) da escola, estão descritos diversos projetos que envolvem leitura e escrita assim como a prática do letramento onde se pode dar uma ênfase maior ao “Projeto Caligrafia” que durou todo o ano letivo e foi desenvolvido nos anos de 2017 e 2018.

O referido projeto possuía o seguinte cronograma, iniciar com uma pequena oficina com todos os professores e a equipe técnica para pontuar o passo a passo do mesmo. Na segunda e terceira oficina, foi realizado treino de escrita com todos os alunos em sala de aula aplicando os conteúdos do professor, de cada horário com o objetivo principal de melhorar a letra dos alunos. E na quarta fase já se deu início as eliminatórias do concurso, onde o primeiro professor do horário trabalharia um texto do seu conteúdo aplicando a caligrafia, e dentre eles escolheria os 3 melhores textos e entregaria a coordenação técnica. E ao final do concurso, reuniram-se todos os 3 alunos de cada turma para a última eliminação, onde foi eleito 3 melhores de cada nível para a premiação. Projetos dessa natureza são de suma importância no

ambiente escolar, pois visam incentivar o aluno a querer participar e consequentemente aprender.

Por ser uma escola muito antiga e por ser vista com maus olhos pela comunidade por conta de uma série de fatos acontecidos em anos anteriores, hoje a escola encontra-se em um estado de deterioração muito grande, onde as salas não possuem o conforto necessário para receber os alunos, o telhado das mesmas estão muito danificados e quando chove molha bastante. Os banheiros estão quase desativados devido às péssimas condições de uso. Segundo a atual gestão todos esses problemas fizeram com que os pais fossem tirando seus filhos da escola que hoje sofre inclusive com uma quantidade de alunos muito reduzida.

Porém, a equipe gestora vem se esforçando ao máximo para conseguir recursos junto ao governo municipal com o objetivo de modificar a estrutura escolar para oferecer um ambiente de qualidade aos seus frequentadores, já conseguiram tintas para reformar a parte externa do ambiente, dando uma cara mais alegre ao mesmo através de desenhos, foi trocada toda a fiação elétrica que já estava oferecendo riscos, o próximo passo será a troca do telhado que ainda está previsto acontecer durante o ano de 2019.

Durante a pesquisa, foi feito um acompanhamento de uma semana nas turmas do 4º ano do ensino fundamental nos turnos matutino e vespertino, com o objetivo de verificar como as docentes desenvolvem suas atividades, e qual o grau de conhecimento dos alunos. Pode-se observar que os alunos eram em sua maioria alunos de 9 anos, porém tinham alguns que já estavam com idade bem avançada “14 anos” para estar cursando o 4º ano, e que eles além de serem repetentes, eram os que mais apresentavam dificuldades de aprendizado.

Os materiais didáticos utilizados pelas professoras eram bem variados, elas usavam livros atuais e antigos, onde um supria a necessidade do outro. No planejamento delas estava previsto o uso do laboratório de informática, que é uma forma de alfabetizar fora do habitual dos alunos de acordo com as informações colhidas, todos os alunos geralmente frequentam esse espaço uma ou duas vezes por mês.

A biblioteca mesmo estando fora dos padrões exigidos pelo MEC é bastante frequentada por todos os alunos da instituição, onde todos os professores desenvolviam frequentemente atividades no referido espaço. Por ser um ambiente

de muita utilidade foi escolhida pelas residentes pedagógicas para passar por uma reforma em sua estrutura que iria beneficiar toda a comunidade escolar.

3.3 OPINIÕES DOS PROFESSORES

Partindo do princípio que a alfabetização pode ser considerada como um processo de codificação e decodificação e o letramento é o aprimoramento da alfabetização, iniciando a entrevista com as professoras do 4º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Engº Fernando Guilhon, perguntou-se na questão **1: Qual sua concepção de Alfabetização e Letramento? Sua prática está mais voltada para qual concepção?** As respostas das entrevistadas estão demonstradas no quadro 2.

Quadro 2. Concepções e práticas de Alfabetização e Letramento. Fonte: Professoras do 4º ano, EMEF Engº Fernando Guilhon, Itaituba-PA (2019).

Profº	Relato das professoras
P ₁	<i>“Na minha concepção, as duas formas de alfabetização não podem e não devem se dissociar, porque alfabetizar por alfabetizar não leva o aluno a ter uma visão de mundo e alfabetizar letrando, a criança inicia seu processo de leitura e escrita com uma leitura mais ampla”.</i>
P ₂	<i>“A alfabetização é o processo e aprendizagem onde se deve ensinar o aluno a ler e escrever. O letramento é o resultado ou aperfeiçoamento do processo de ensino aprendizagem, ou seja, da ação de saber ler e escrever. Tento balancear ao máximo possível, pois tenho vários alunos que ainda não são de fato letrados e que não foram alfabetizados como deveria ser, eu parto do princípio que o 4º ano deveria ser todo trabalhado baseando-se nas práticas de letramento, porém não posso fazer isso para não prejudicar os alunos iletrados”.</i>

Conforme as respostas das entrevistadas para a referida questão, onde pode se concluir que ambas as entrevistadas possuem visões parecidas a respeito da mesma, no entanto P1 apenas expos sua concepção de uso dos temas, enquanto P2 deu uma definição do que seria cada um separadamente e de como desenvolve suas atividades. Nesse sentido destaca-se a visão de Lima (2015, p. 90):

Os processos de alfabetização e letramento estabelecem estreita relação de sentido, e, cabe ao educador, através de sua ação cotidiana em sala de aula, mediar intencionalmente situações que levem o educando a adquirir estes estados de compreensão linguística no processo de ensino e aprendizagem. O desafio do educador dos anos iniciais consiste, pois, em conciliar estes dois processos, de maneira ajustada, assegurando aos

educandos a apropriação do sistema alfabético e as condições de uso social através de práticas de leitura e escrita. Por isso, é fundamental seu entendimento sobre esta relação, pois a prática pedagógica não pode basear-se numa escolha entre alfabetizar e letrar, mas numa proposta de integração de condições de culturas e de aprendizado.

O autor acima vem trazendo bem explicitado como o professor deve desenvolver sua prática docente, sempre se valendo dos conceitos de alfabetização e letramento, trabalhando os de forma indissociável, pois é de suma importância que o aluno seja alfabetizado e letrado simultaneamente para se tornar uma pessoa que seja capaz de entre outras coisas defender seu ponto de vista quando necessário.

De acordo com Pereira (2014, p.10), “quando o professor recorre aos jogos ele está criando um ambiente agradável, motivador e acima de tudo, permitindo a socialização entre as crianças.” Baseando-se no comentário acima tornou-se pertinente levantar a questão 2: **A utilização de jogos e brincadeiras para alfabetizar possibilita uma aprendizagem significativa?** O quadro 3 mostra a opinião das docentes em relação ao questionado.

Quadro 3. Os jogos e brincadeiras como ferramentas da aprendizagem significativa. Fonte: Professoras do 4º ano, EMEF Engº Fernando Guilhon, Itaituba-PA (2019).

Profº	Relato das professoras
P ₁	<i>“Com certeza, quando o aluno tem contato com o concreto, o aprendizado tem um outro significado e quando esse contato é prazeroso, a aprendizagem também se torna prazerosa”.</i>
P ₂	<i>“Acredito que sim, pois si eu tenho um conteúdo que a princípio pode ser assustador aos alunos eu busco ensinar eles através de jogos e brincadeiras, os alunos vão fixar esse conteúdo com uma facilidade maior. Sempre que acho necessário, faço esse tipo de atividade principalmente nas aulas de matemática onde há uma dificuldade maior de assimilação”.</i>

Segundo a visão das entrevistadas, faz-se necessário a utilização dessas metodologias de ensino, pois além de elas proporcionarem uma maior interação entre os alunos e professores elas servem também para fazer com que os alunos aprendam de formas diferenciadas e proveitosas. Então, pode-se dizer que os jogos e brincadeiras se bem utilizados para o processo de alfabetização podem sim transformar a aprendizagem significativamente. Pode-se destacar a fala a seguir, onde a referida autora destaca sua visão sobre o uso dessas metodologias.

[...] os jogos e as brincadeiras são as melhores maneiras da criança se comunicar e conviver com outras crianças, sendo assim um instrumento para a realização de um bom trabalho, proporcionando melhores resultados que favoreçam tanto os alunos como o professor (PEREIRA, 2014, p. 10).

Os jogos e brincadeiras são componentes capazes de contribuir para o bom desenvolvimento de uma socialização adequada dos alunos, onde por meio de atividades em grupo, de forma que capacite o relacionamento e participação ativa destes, caracterizando em cada aluno, o sentimento de sentir-se um ser social, podendo então, estar sempre apto para aprender novas coisas. A escola e os professores devem esforçar-se para a aprendizagem ser significativa para o aluno, com isso todos ganham: a escola, a família e principalmente a criança. Se verificarmos bem, as escolas ainda não estão atribuindo um valor positivo ao jogo, e sabe-se que, já faz algum tempo que várias pesquisas vêm demonstrando a importância do jogo como ferramenta de ensino, e que este pode ser visto sim, como uma prática pedagógica em forma de ludicidade para alavancar o aprendizado.

Os profissionais da educação precisam acabar com alguns estereótipos negativos a respeito do uso dos jogos, onde muitos deles não veem o jogo e a brincadeira como formas de aprendizagem, e que não é somente o aluno da educação infantil que pode desfrutar do ato de brincar, pois a todo o momento estamos sujeitos a aprender algo novo e se isso puder ser feito através da ludicidade, melhor ainda.

Ressaltando a importância da ludicidade está presente no ambiente escolar, para fortalecer a aprendizagem dos alunos, foi feito o seguinte questionamento às entrevistadas na 3ª pergunta: **Na organização do planejamento de aula, você utiliza a ludicidade como uma importante ferramenta para a alfabetização e letramento?** Onde as respostas das entrevistadas estão demonstradas no quadro 4:

Quadro 4. A ludicidade como ferramenta de alfabetização. Fonte: Professoras do 4º ano, EMEF Engº Fernando Guilhon, Itaituba-PA (2019).

Profº	Relato das professoras
P ₁	<i>“Sim, hoje não podemos trabalhar em sala de aula sem essa ludicidade, pois ela proporciona ao aluno uma melhor maneira de ver e assimilar melhor o conhecimento”.</i>
P ₂	<i>“Sim, porém não faço frequentemente para os alunos não se acostumarem com isso, não quero que caía na rotina, isso precisa ser novidade para eles darem uma atenção maior”.</i>

Com base no exposto, as entrevistadas fazem uso desse mecanismo de ensino de acordo com as necessidades da turma, porém, segundo as respostas, P1 demonstrar fazer um maior uso dessa metodologia durante seu planejamento, já P2 diz que trabalha a ludicidade mas, não com frequência. Como já foi citado anteriormente, P2 tem um perfil de profissional mais tradicionalista onde deixa transparecer que os meios de se ensinar devem seguir um padrão mais tradicional.

Além disso, P1 ainda afirma que também utiliza constantemente o Cantinho da Leitura, além de outras formas de ensino como leituras compartilhadas, recortes de jornais, notícias de tvs entre outros recursos”. Devemos ressaltar a importância do lúdico está presente no dia a dia da escola pois isso faz com que haja um maior fortalecimento da aprendizagem de uma forma geral.

O lúdico ajuda na aprendizagem escolar, não apenas escolar mais possibilita um crescimento nos aspectos emocional, social, cognitivo, afetivo e humano. O jogo direciona valores que transformam opiniões e ajudam no desenvolvimento geral do indivíduo. Portanto podemos afirmar que a escola precisa incluir nas suas atividades educativas brincadeiras, jogos, músicas e diversas formas de proporcionar alegria e bem-estar. (PEREIRA, 2014, p. 17).

Com base no que foi exposto acima, cabe ao professor saber selecionar as situações em sala de aula em que ele possa mediar o conhecimento de forma a contemplar a ludicidade a alfabetização e o letramento em conjunto, isso pode acontecer durante o uso de jogos de leitura e interpretação ficando a critério do professor a melhor forma de desenvolver atividades dessa modalidade.

Nesse sentido, faz-se necessário o professor ampliar sua visão e sua compreensão sobre como seus alunos se desenvolvem em todos seus aspectos e saber fazer uma correlação do que pode ser absorvido por eles através do ensino lúdico. Pois, se o docente se valer dessas técnicas como metodologia de ensino, muito provavelmente ele deixará marcas positivas no aluno pelo resto de sua vida.

Geralmente as formações continuadas oferecidas pelo PNAIC trazem diversas possibilidades de se trabalhar às práticas de letramento de uma forma lúdica, as trocas de experiências positivas nessas formações são de grande relevância uma vez que envolvem também diversas propostas de se trabalhar a leitura com os alunos de uma forma mais espontânea e produtiva.

Então, sabendo que o professor deve procurar os mais diversos métodos para promover um ensino de qualidade, pode-se destacar a importância de se

praticar a leitura com os alunos durante as aulas. Desse modo, tornou-se pertinente questionar as professoras sobre essa prática na 4ª pergunta: **Você costuma ler para seus alunos histórias da Literatura Infantil? Com que frequência? Poderia citar os livros?** O quadro 5 expõe a opinião das entrevistadas acerca do que foi questionado.

Quadro 5. A importância da leitura em sala de aula. Fonte: Professoras do 4º ano, EMEF Engº Fernando Guilhon, Itaituba-PA (2019).

Profº	Relato das professoras
P ₁	<i>“Costumamos ler sempre. Em nossa sala de aula existe um cantinho de leitura com contos infantis e variados livros de leitura, fazemos sempre as leituras, de modo a incentivá-los a também ler”.</i>
P ₂	<i>“Eu costumo incentivar a leitura deles, sempre levo livros de literatura infantil para a sala e deixo eles escolherem, ultimamente prefiro usar os livros que são disponibilizados pelo PNAIC acho ótima a coleção, mais uso também os demais livros disponíveis na biblioteca”.</i>

A partir das respostas obtidas pode-se concluir o uso da leitura faz parte da rotina diária das docentes. Durante o período de observação nas salas do 4º ano pode se verificar que principalmente P1 faz uso constante das práticas de leitura durante a aula. Esta professora toma a leitura individual de seus alunos todos os dias e não usa somente livros de literaturas, utiliza todos os tipos de textos disponíveis além de que faz parte de sua rotina fazer ditados e cópias diariamente. Ela dedica os primeiros horários somente para essas situações e as demais disciplinas são trabalhadas depois do recreio.

O uso da literatura na escola não pode ser visto somente como forma de ensinar o conteúdo aos alunos, possibilita também uma aprendizagem significativa através da leitura, pois leva o aluno a imaginar determinada situação, podendo assim ele fazer uma ligação entre sua realidade e o que está sendo lido fazendo então com que a criança possa obter novos conhecimentos de mundo através da fantasia.

É importante enfatizar que o primeiro contato do aluno com a leitura ocorre por meio da leitura auditiva, ou seja, ele ouve alguém ler algum tipo de história, revista ou jornal. Nesse caso, a criança acompanha como ouvinte, sendo assim cabe ao professor dar o pontapé inicial durante as aulas. É sempre bom o docente

fazer um paralelo entre os tipos de leituras existentes assim como oferecer um vasto conjunto de gêneros literários. Para tanto se pode concluir que:

Hoje, constatamos que a literatura produzida para crianças e jovens conta com uma grande diversidade de matizes narrativos e com uma imensa variedade de gêneros e temas em suas publicações. Essa riqueza, sem dúvida, atende às necessidades de um público que tem gostos, interesses e demandas diferentes e que precisa ser conquistado para a leitura da palavra, num mundo de predomínio da imagem e do visual. (CARVALHO; MENDONÇA, 2006, p. 115).

No momento atual estamos vivendo a era dos digitais, onde os livros impressos vem perdendo espaço cada vez mais rápido, assim como o interesse pela leitura. Então, cabe ao professor desenvolver mecanismos de reaproximação dos alunos e os livros, nesse caso não se pode fixar as práticas de leitura e escrita apenas em alguns tipos de literatura é de grande importância fazer com que os discentes mantenham um contato direto com todos os tipos de gêneros literários, para que assim eles possam reconhecer a importância que deve ser dada a tal ato.

Fazendo uma ponte entre a era dos digitais e a educação, é de responsabilidade ao professor alfabetizador saber usar as mais diversas ferramentas de ensino ao seu favor, pois todos esses utensílios podem ser usados como ferramentas pedagógicas onde tudo vai depender da forma como ele vê esses objetos. Então torna-se de grande importância levantar a questão 5: **Quais dos recursos pedagógicos abaixo são mais utilizados por você na prática do letramento e da alfabetização com os alunos do 4º ano?** A resposta obtida pode ser verificada no quadro 6.

Quadro 6. Uso de diferentes recursos pedagógicos. Fonte: Professoras do 4º ano, EMEF Engº Fernando Guilhon, Itaituba-PA (2019).

Profº	Relato das professoras
P ₁	<i>“Fazer leitura em voz alta, coletiva e individual; uso de gibis, histórias em quadrinhos; livro didático; mídias: TV, DVD, computador, Datashow”.</i>
P ₂	<i>“Fichas, gravuras, cartazes; copiar texto do quadro ou do livro; fazer leitura em voz alta, coletiva e individual; livro didático; mídias: TV, DVD, computador, Datashow;”</i>

O uso de recursos dos mais variados recursos pedagógicos tem como função transformar a aprendizagem, pois eles tiram o aluno da monotonia da sala de aula

haja vista que na maioria das vezes o aluno só copia do quadro, e nem lê o que copiou, faz isso por obrigação e quando faz. De acordo com a resposta das entrevistadas, utilizam uma grande diversidade de recursos que fazem com que a aula aconteça de maneira diferente. Dentro desses recursos, podemos citar o uso do computador, pois durante o período de observação nas turmas P1 avisou seus alunos que no dia seguinte eles iriam para a sala de informática, todos ficaram bastante ansiosos.

No que diz respeito ao uso das mídias digitais como ferramentas de ensino a BNCC enfatiza que:

Não se trata de deixar de privilegiar o escrito/impresso nem de deixar de considerar gêneros e práticas consagrados pela escola, tais como notícia reportagem, entrevista, artigo de opinião, charge, tirinha, crônica, conto, verbete de enciclopédia, artigo de divulgação científica etc., próprios do letramento da letra e do impresso, mas de contemplar também os novos letramentos, essencialmente digitais. (BRASIL, 2017, p. 67).

Durante a observação na sala da professora P2 também se notou que a mesma usa como recurso levar as crianças ao quadro para resolverem as atividades. A professora fazia sorteio dos alunos que iriam responder no quadro na hora da correção, todos os alunos queriam participar. Essa também pode ser considerada uma boa forma de se trabalhar a interação entre todos, pois além dos colegas se ajudarem, ela não permitia que fizessem chacota caso o colega errasse ao contrário ela os incentivava a ajudar uns aos outros.

Tendo consciência da importância que deve ser dada aos espaços de leitura disponíveis na escola, e de sua utilização constante tornou-se indispensável a questão 6. **Os alunos de sua turma frequentam a biblioteca/sala de leitura da escola, sempre que necessário?** Onde as devidas respostas estão descritas no quadro 7.

Quadro 7. A biblioteca como fonte de conhecimento. Fonte: Professoras do 4º ano, EMEF Engº Fernando Guilhaon, Itaituba-PA (2019).

Profº	Relato das professoras
P ₁	<i>“Sim, temos uma sala de leitura e um laboratório de informática que são muito utilizados por nossos alunos”.</i>
P ₂	<i>“Sim, eles precisam ter o maior contato possível com esse espaço para que se adaptem a utiliza-lo de maneira positiva”.</i>

É altamente necessário que durante as aulas o professor tire o maior proveito possível dos espaços destinados as práticas de leitura. Então podemos concluir que nesse caso as entrevistadas fazem sim uso desses recursos, isso ficou bastante evidente durante a observação das turmas, em que P1 todos os dias quando estava acabando a aula pedia que seus alunos fossem na biblioteca pegar livros para levarem para ler em casa, principalmente os alunos que tinham maior dificuldades na leitura.

Nota-se que P2 também disse que usa frequentemente o espaço, então já que faz se necessário para o bom andamento do processo de alfabetização os alunos ficam eufóricos quando eles sabem que vão sair das salas e visitar espaços como o da biblioteca. Essa mudança de ambiente físico faz com que eles despertem um interesse diferente pelo aprendizado. Conforme afirmam Leite e Silva (2015, p. 02):

[...] a biblioteca é considerada um espaço que promove o desenvolvimento intelectual dentro de uma instituição de ensino. É, portanto, mais um meio educacional que tem a função de formar leitores críticos e garantir a todos o acesso à igualdade de conhecimento.

O profissional da educação precisa saber que a biblioteca é de extrema importância no processo de ensino dos alunos e deve fazer seu uso regularmente. E saber também que este espaço não é somente destinado a leitura, pois quando está lendo o aluno sai do real e parte ao imaginário fazendo assim com que haja uma interação entre a literatura e o aluno.

É pertinente também o professor e a comunidade escolar desenvolverem projetos educacionais que envolvam o uso da biblioteca. Partindo do princípio que o trabalho com projetos educacionais pode fazer com que o aprendizado ocorra mais facilmente e que a grande maioria das escolas desenvolvem atividades dessa natureza podemos destacar como inevitável a questão 7: **A escola desenvolve projetos voltados para leitura e escrita dos alunos?** Ressaltando que as respostas dessa questão estão evidenciadas no quadro 8.

Quadro 8. Projetos que envolvem leitura e escrita. Fonte: Professoras do 4º ano, EMEF Engº Fernando Guilhon, Itaituba-PA (2019).

Profº	Relato das professoras
	<i>“Projetos com essa temática sempre fazem parte do PPP da escola, além dos</i>

P₁	<i>projetos contemplados no PPP, temos ainda os projetos das Residentes que também estão voltados para desenvolver a leitura e escrita dos alunos”.</i>
P₂	<i>“Projetos com essa temática sempre fazem parte do PPP da escola, inclusive ano passado tivemos o projeto Caligrafia, onde presentamos os alunos com as melhores caligrafias de cada turno”.</i>

As professoras responderam de forma unanime em relação aos projetos de leitura e escrita fazerem parte do PPP da escola. Dando uma olhada a fundo no PPP e no calendário anual notou-se que realmente atividades dessa natureza fazem parte do dia a dia escolar, como foi o caso do projeto citado por P2, que já foi desenvolvido por 2 anos consecutivos, porém, no ano de 2019 não foi informado se este projeto será desenvolvido por conta de alguns fatores que não foram revelados.

Despertar no aluno o hábito da leitura e da escrita é uma das metas descritas no PPP da escola. Com base no mesmo, podemos destacar algumas ações desenvolvidas no triênio de 2016 a 2018, na referida escola, onde foram desenvolvidas atividades com o intuito de melhorar o cálculo, a leitura e a escrita dos alunos, produção de jornal educativo feito pelos facilitadores do programa mais educação; aplicação dos projetos de leitura, contendo leitura, escrita e exposição de gêneros textuais e caligrafia com premiação.

Desse modo, entende-se que, os usos de projetos didáticos são extremamente necessários, pois com afirma a autora a seguir:

O projeto didático além de favorecer as aprendizagens conceituais, pode propiciar o desenvolvimento de capacidade de organização das crianças, capacidades relativas ao monitoramento de suas próprias aprendizagens, assim como de avaliação de suas ações e motivar as crianças, por implicar em ações concretas. (SILVA, 2014, p. 22, 23).

O trabalho com projetos pode ajudar muito o docente a proporcionar um momento de aprendizagem descontraído para seus alunos. Os projetos multidisciplinares são muitos utilizados durante os primeiros anos do ensino fundamental, pois podem levar os alunos a diversos aprendizados além da socialização em um único momento, logo, é de responsabilidade do docente saber conciliar as disciplinas de forma a contemplar um aprendizado significativo.

Para se desenvolver projetos de leitura e escrita com qualidade, o professor deve ter em mãos o nível de conhecimento dos alunos, haja vista que é preciso desenvolver uma atividade que possa atingir todos os alunos simultaneamente.

Pensando assim tornou-se preciso buscar a opinião das docentes a certa da pergunta de número 8: **Qual o diagnóstico desta turma quanto à leitura e à escrita?** O relato das entrevistadas estão no quadro 9.

Quadro 9. Diagnóstico de leitura e escrita. Fonte: Professoras do 4º ano, EMEF Engº Fernando Guilhon, Itaituba-PA (2019).

Profº	Relato das professoras
P ₁	<i>“No que se refere à leitura e escrita, é possível dizer que os alunos do 4º ano ainda estão em processo de aquisição destes quesitos, temos um número bem reduzido de alunos que podemos de fato afirmar que estão alfabetizados”.</i>
P ₂	<i>“Como tem pouco tempo de aula, ainda estou em processo de análise, mas já consegui verificar os alunos que possuem uma dificuldade maior e já estou desenvolvendo atividades em busca de reverter esse quadro, são em torno de 6 alunos e todos são repentes de anos passados”.</i>

Com base nas respostas obtidas, pode-se perceber que o diagnóstico de aprendizado dos alunos ainda não é dos melhores. Por ser início de ano, ambas as docentes ainda se encontram em processo de verificação do grau de aprendizado dos seus alunos, conforme verificado, a leitura e escrita dos alunos de P1 está bem abaixo do nível para alunos do 4º ano.

Porém, ficou bem visível que P1 não mede esforços para alfabetizar de fato seus alunos, assim trabalha com leitura, cópias de textos e ditados todos os dias com o objetivo de exercitar a leitura e a escrita dos alunos. Ao acompanhar a leitura dos alunos constatou-se que a maioria deles lê silabando, e dessa forma eles não conseguem compreender o que estão lendo, a leitura parece sem sentido.

Já segundo P2, os alunos que possuem maior dificuldade na leitura e escrita são os alunos mais velhos e repetentes e conforme verificado apesar de todos os esforços da docente eles parecem não querer aprender e ainda tentam atrapalhar os demais, tentando tirar os colegas do foco. Mesmo assim isso não desestimula a docente a tentar alfabetizar esses alunos.

Com base nesses diagnósticos prévios que as docentes já possuem, elas já estão desenvolvendo atividades que estão sendo aplicadas de acordo com o conteúdo e a necessidade. Então, fazendo uma ligação da leitura e escrita com as dificuldades impostas é preciso verificar qual a opinião das professoras a cerca dessa situação com a pergunta 9: **Como você age diante das dificuldades em**

leitura e escrita apresentadas pelos alunos? A seguir temos no quadro 10 os resultados da pergunta.

Quadro 10. Como diminuir as dificuldades de leitura e escrita. Fonte: Professoras do 4º ano, EMEF Engº Fernando Guilhon, Itaituba-PA (2019).

Profº	Relato das professoras
P ₁	<i>“Trabalho com atividades mais voltadas para atender as suas necessidades, com muito cuidado para que o aluno não se sinta excluído”.</i>
P ₂	<i>“Os que já consegui identificar, dou uma atenção maior, sempre coloco eles na frente para facilitar nossa aproximação, e cobro o máximo possível pelo fato de serem alunos repetentes, trago atividades extras para eles com o intuito de fixação dos conteúdos”.</i>

Segundo P1, é de grande importância trabalhar com atividades que visem sanar ou ao menos amenizar as dificuldades que seus alunos. Na sala tem uma aluna surda mas, com sua professora acompanhante, elas sempre procuravam articular atividades que fossem de fácil entendimento pela aluna. Tem também um garoto que segundo a docente, era notável que ele possuía alguma dificuldade de aprendizagem, ele já era repetente do ano anterior, e quando notou essa dificuldade procurou os pais do aluno para conversar e tentar levar o aluno para uma consulta com um profissional, já que se fosse comprovado que ele tinha algo que dificultava sua aprendizagem o profissional o daria um laudo e de posse deste laudo ela poderia o ajudar melhor, pois conseguiria uma vaga para ele no AEE onde seriam trabalhadas atividades de formas diferenciadas com o intuito de fazer com que ele aprendesse.

Entretanto, os pais não aceitaram e falaram que seu filho era normal ele era um garoto muito calado não tendo interação alguma com os demais colegas, a professora afirmou ainda que iria continuar tentando conversar com os pais para ver se conseguia uma ajuda a mais para o aluno. Ela reclamou bastante pelo fato de os próprios pais do aluno estarem impedindo ela de desenvolver seu trabalho com qualidade.

Quando se trata de dificuldades de aprendizado cabe ao professor enquanto mediador do conhecimento:

Entender e agir de forma positiva sobre estas dificuldades, de forma a fazer acontecer à aprendizagem, e conduzir o aluno a sua ultrapassagem de

limites, que muitas vezes é imposta por déficits cognitivos, físicos e, ou afetivo, representa a busca, a meta, de muitos dos profissionais que acreditam no construir, nas superações que o processo educativo pode promover. (KAUARK; SILVA, 2008, p. 265).

Conforme a citação, é papel do docente tentar desvendar o que ocasiona algumas dificuldades de aprendizagem dos seus alunos, buscando uma solução para as mesmas para de fato fazer com que o discente aprenda e assim não se sinta excluído dos demais colegas. Segundo o comentário das entrevistadas podemos perceber que ambas buscam soluções para essas situações.

Falando ainda das situações que dificultam o bom andamento do processo de ensino aprendizagem e suas possíveis causas existe também alguns desafios e barreiras que o profissional da educação encontra no desenvolvimento de sua função, pensando nisso fez-se pertinente fazer a pergunta 10 às docentes: **Em sua turma, quais os desafios no processo de alfabetização na perspectiva do letramento?** Nesse questionamento, as professoras também foram unânimes quanto a resposta, onde as duas citam a falta de apoio dos familiares, como a principal causa das dificuldades existentes no processo de alfabetização de dos alunos.

Como é o caso de uma situação que foi observada na sala de aula durante o período de observação, onde P1 criou um caderno específico com vários recortes de leituras para um determinado aluno, pois o mesmo tinha uma séria dificuldade em ler e escrever. Então segundo a docente, ela montou esse caderno para ajudá-lo onde em casa ele deveria ler e copiar os textos no próprio caderno, e todos os dias esse aluno era chamado para ler o texto, porém todo dia ele tinha uma desculpa para dar por não ter feito a atividade passada.

Na turma de P2 não era diferente, durante a correção dos cadernos das atividades de casa sempre tinha aqueles alunos que não faziam e inventavam desculpas para tentar justificar a situação, a docente disse que já havia conversado com alguns desses pais, porém a situação continuava se repetindo.

Segundo o que consta na LDB nº 9.394/1996, Art. 2º, é papel da família também fazer parte do processo de ensino aprendizagem de seus filhos, não deixando apenas nas mãos da escola. Cabe ao professor saber usar essa lei ao seu favor e cobrar sim a participação dos responsáveis pelos alunos no processo de alfabetização assim como durante toda a vida estudantil dos alunos. Todos são

responsáveis por essa situação, é muito fácil um pai passar o ano todo sem ajudar seu filho em nada com os afazeres na escola e ao final do ano chegar à escola culpando o professor pelo fracasso do filho, como acontece em muitas escolas.

3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Sabe-se que são inúmeros os problemas que os professores vêm enfrentando durante o processo de alfabetização e letramento assim como nos anos subsequentes como é o caso do 4º ano do ensino fundamental, e o docente tem papel fundamental nesse processo, onde cabe ao professor enquanto detentor do conhecimento desenvolver atividades que facilitem o aprendizado ao máximo possível.

Nesse sentido, entra o mais novo programa do Governo Federal, Programa Residência Pedagógica, que tem como função principal fazer com que os acadêmicos das licenciaturas possam aperfeiçoar sua formação através da prática, onde há uma imersão nas escolas de educação básica, dos acadêmicos a partir do 5º período de graduação. Durante esse período, o residente tem como missão desenvolver algumas atividades na escola sempre acompanhadas pelo docente orientador e por um preceptor que no caso é um docente da instituição escolar.

Ao final dessas atividades, o acadêmico deve desenvolver um projeto de intervenção que contemple alguns quesitos exigidos pela BNCC. Como durante a execução de uma das etapas desse programa no caso a regência, foi verificada a importância que é dada pelos docentes a biblioteca da escola e que essa estava necessitando urgentemente de algumas reformas e adaptações. Assim, durante a semana pedagógica foi lançada pelas acadêmicas participantes do Programa a proposta de revitalização da mesma com o objetivo de proporcionar um espaço mais lúdico e aconchegante aos seus frequentadores.

Em paralelo a esse projeto de revitalização da biblioteca, foi desenvolvido também o Projeto Sacola Viajante, onde, a partir de observações feitas nas salas de aula verificou-se que as professoras todos os dias costumavam solicitar aos alunos que ao fim da aula se dirigissem a biblioteca para pegar livros e levarem para casa com o intuito de incentivá-los a desenvolver o gosto pela leitura. Porém, no outro dia, esses alunos retornavam com os livros, alguns diziam que liam, mas não era feita nenhuma atividade que pudesse provar que de fato esse aluno tinha lido tal livro.

Então, se resolveu criar essa “Sacola Viajante” que tem como objetivo fazer com que realmente esses alunos leiam e possam repassar o conhecimento obtido através da leitura aos seus colegas. Na sacola que o aluno levaria para casa, estava incluído um livro do gosto do aluno e um caderno para o mesmo fazer anotações sobre o que mais ele gostou de ler no livro. Como sugestão às professoras foi decidido que elas escolhessem um dia da semana para que houvesse a socialização das leituras dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referido estudo permitiu conhecer algumas concepções teóricas acerca da alfabetização e do letramento, tanto no ciclo de alfabetização quanto aos anos subsequentes, uma vez que o mundo letrado abre uma gama imensurável de portas rumo ao conhecimento. Fica claro que o ato da leitura, é indispensável para o ser humano e cabe ao docente proporcionar isso aos seus alunos. Para que esse processo aconteça, estão disponíveis os mais variados mecanismos educacionais, cabendo ao professor saber escolher quais ele deve usar de acordo com seu público alvo.

Além do mais existem também os programas do governo federal que tem como missão ajudar no processo de alfabetização dos alunos, haja vista que alfabetizar os alunos com base nas práticas de letramento não é tão fácil como se imagina, já que exige muito dos educadores durante o processo de ensino, porém com ajuda dos mecanismos disponíveis hoje o professor consegue facilitar o ensino de modo que possa fazer com que o aluno absorva o maior número de informações possíveis.

A partir deste estudo, ficou claro que não existe um método pronto e acabado para se trabalhar a alfabetização assim como o letramento, nem técnica infalível para tal ato, porém com base nos conhecimentos obtidos em suas, formação inicial e continuada se houver. O professor precisa desenvolver novos métodos que possam o auxiliar no processo de ensino aprendizagem.

E com base nas informações colhidas assim como o breve período de observação nas salas de aula, tornou-se claro que existem diversas situações que impedem o bom andamento do processo de alfabetização dos alunos, porém a que mais incomodou as entrevistadas foi à falta de apoio das famílias dos alunos, pois é de suma importância que haja sim um acompanhamento bem próximo dos familiares durante esse processo que é considerado árduo, mas gratificante.

Pode-se perceber ainda que com base nos desafios e em outras situações, o professor deve usar as estratégias mais variadas para levar o conhecimento ao aluno de forma significativa. Essa situação se evidencia quando as docentes afirmaram usar os mais variados mecanismos para efetivar de fato o aprendizado, mecanismos esses que vão desde o uso de ambientes de ensino fora da sala de aula como a biblioteca e a sala de informática ao uso dos mais variados recursos

pedagógicos. Quando se fala em alfabetização e obtenção de conhecimento tudo vale desde que supra a necessidade dos alunos.

Se verificarmos dados de anos anteriores pode-se concluir que o PNAIC nesta Escola conseguiu reduzir a reprovação por meio da formação continuada de seus professores e alcançar suas metas de forma significativa, pois a partir de dados obtidos nos anos 2016 e 2017. Pode-se concluir que em 2016 dos 51 alunos matriculados no 3º ano do ensino fundamental, apenas 11 alunos foram reprovados, ou seja, 20% dos alunos; enquanto no 4º ano, dos 31 alunos matriculados, 20% foram reprovados também. Já em 2017, dos 69 alunos matriculados no 3º ano apenas 9 alunos foram reprovados (15%) e no 4º ano numa turma de 47 alunos, somente 7 alunos foram reprovados algo em torno de 16% dos alunos.

Para concretizar, por meio desta pesquisa, percebeu-se que o trabalho docente na instituição investigada é feito com dedicação e objetivo uma vez que a escola ao iniciar o ano letivo já traça metas a serem alcançadas incluindo-as no PPP da escola. Além disso, os educadores procuram promover projetos de intervenção que venham somar com os da instituição, pois ambos possuem os mesmos objetivos, que é transformar a educação através de um ensino diferenciado e de qualidade.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Vanessa Fulaneti de; FARAGO, Alessandra Corrêa. A importância do letramento nas séries iniciais. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro - SP, 1 (1): 204-218, 2014.

ALTOBELLI, Cecília Celis Alvim. **As dificuldades e queixas de professores alfabetizadores em tempos de formação continuada**. Mestrado em educação: Psicologia da Educação, PUCSP, São Paulo 2008.

AZEVEDO, Isabel C. Michelin de; DAMACENO Taysa M. dos S. Souza. Desafios do bncc em torno do ensino de língua portuguesa na educação básica. **Revista de estudos de cultura**. nº 7, jan. Abr./2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

BRASIL. Resolução de nº 7, de dezembro de 2010.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024: Linha de Base**. Brasília, DF: Inep, 2015b.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização**. Caderno 03. Ministério da Educação. Brasília: MEC, SEB, 2015a.

BRASIL. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. 13. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Ed. Câmara, 2016.

BRASIL, **Documento Orientador – PNAIC em Ação**. 2017a.

BRASIL. **Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do Ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do ensino fundamenta**. Brasília, Dezembro. 2012.

BRASIL. Portaria Nº 826, de 7 de Julho de 2017.

BRASIL. Portaria nº 1.570, de 20 de dezembro de 2017.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. DOU, 23 de fevereiro de 2018. Brasília, 2018a.

BRASIL. **Programa Novo Mais Educação**. Caderno de orientações pedagógicas - versão II, Brasília. 2018b.

BRASIL. Portaria Nº 142, de 22 de fevereiro de 2018. **Programa Mais Alfabetização** - PMALFA. Brasília, 2018c.

BRASIL. Portaria Gab. nº 38, de 28 de fevereiro de 2018. **Programa Residência Pedagógica**. 2018d.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. Scipione, 1993. São Paulo.

CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (orgs.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre teoria e prática**. Petrópolis - RJ, 7ed. Vozes, 2010.

CUNHA, Maria Isabel da. O tema da formação de professores: trajetórias e tendências do campo na pesquisa e na ação. **Educ. Pesquisa**, São Paulo, n. 3, p. 609-625, jul./set. 2013.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo**. 21^a ed. São Paulo SP, Cortez, 2015.

FERREIRA, Zeni de Oliveira Muniz. **A alfabetização e os desafios para o professor recém-formado**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

FONTES, Geysa Paula Castor da Silva. **Leitura e escrita no final do ciclo de alfabetização: uma interface com a proposta de letramento do PNAIC**. Dissertação (mestrado) – UFPB/CCAUE Mamanguape: PB, 2015.

GUIDETT, Andréia Arruda; MARTINELLI, Selma de Cássia. Compreensão em leitura e desempenho em escrita de crianças do ensino fundamental. **PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora**. v. 8, nº 2, p. 175-184, Jul./Dez. 2007.

XII Encontro Nacional de Educação Matemática. Educação Matemática na Contemporaneidade: desafios e possibilidades. São Paulo – SP, 13 a 16 de julho de 2016.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida, PINAZZA Mônica Appezato, MORGADO Rosana de Fátima Cardoso, TOYOFUKI Kamila Rumi. **Jogo e letramento: crianças de 6 anos no ensino fundamental**. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.37, n.1, 220p. 191-210, jan/abr. 2011.

LEITE. Francisca das Chagas Dias; SILVA. Hernandes Andrade - **o uso de bibliotecas e sua contribuição para a formação do aluno do curso de pedagogia da UESPI** Biblionline, João Pessoa, v. 11, n. 2, p. 194 – 205, 2015.

LIMA, Antônio Carlos Santos de; SANTOS, Lúcia de Fátima; MAIOR, Rita de Cássia Souto. **Refletindo sobre letramento e responsabilidade na formação docente.** Bakhtiniana, São Paulo, 9 (2): 111-130, Ago./Dez. 2014.

LIMA, Francisco Renato. Os significados de alfabetização e letramento para o professor alfabetizador: Relação de conflito na prática pedagógica. **Debates em Educação.** Maceió, Vol. 7, n. 13, Jan./Jun. 2015.

LOPES, Janine Ramos. Abreu, Maria Celeste Matos de; Mattos, Maria Célia Elias. **Caderno do educador: alfabetização e letramento.** Brasília: Ministério da Educação, SECAD, 2010.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** E.D.A. André – São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sícoli; PASSOS, Norimar Christe. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar.** Porto Alegre: Artimed, 2005

PEREIRA, Maria O. da S. **A importância do lúdico no desenvolvimento da leitura nas series iniciais do ensino fundamental I:** estudo de caso na EMEF Odilon Edísio Lima. Cacimba de Dentro – PB Guarabira: UEPB, 2014.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

RUSSO, Maria de Fatima. **Alfabetização: um processo em construção.** 6 ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2012.

SANTOS, Carmi Ferraz. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações.** Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça (org.). 1ed., 1reimp. BH: Autêntica, 2007.

SILVA, Ana Maria Macêdo da. **Práticas de leitura nas series iniciais: [manuscrito] conceitos, estratégias e experiências.** Monografia (especialização em Geografia e Território: Planejamento Urb. Rural e Ambiental). UEPB, 2013.

SILVA Carlos Alberto. **Leitura e escrita nas series iniciais do ensino fundamental nas escolas públicas de Olinda/PE.** Rev. Int. Investig. Cienc. Vol. 9 nº1, julho 2013.

SILVA, Rayane Estevão Cipriano da. **Os desafios do professor alfabetizador nos anos iniciais na perspectiva do alfabetizador/letrador.** João Pessoa: UFPB. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia. 2017.

SILVEIRA, Everaldo org. **Alfabetização na perspectiva do letramento: letras e números nas práticas sociais.** Florianópolis: UFSC/CED/NUP, 2016.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação,** Jan /Fev /Mar /Abr 2004 No 25 Minas Gerais, 2004.

TEBEROSKY, Ana, 1948 - **Psicopedagogia da linguagem escrita**. tradução de Beatriz Cardoso, 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

APÊNDICE
QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES DO 4º ANO

Prezado (a) Professor (a),

Sou acadêmica de Pedagogia, e conto com a sua participação nesta pesquisa que tem como objetivo realizar um estudo (monografia de graduação) sobre as práticas de Alfabetização e Letramento no 4º ano. Agradeço a participação nessa pesquisa.

I. IDENTIFICAÇÃO:

a) Graduação: _____

b) Pós-Graduação: _____

c) Tempo de trabalho na educação: _____ anos.

d) Número de alunos na turma: _____ alunos.

e) Em sua opinião, o tempo de prática docente contribui para a formação ou é importante também uma proposta de formação continuada no ambiente de trabalho?

f) Que métodos de alfabetização você conhece?

g) Em sua opinião, existem maneiras ideais para alfabetizar?

II. PRÁTICA DOCENTE:

1. Qual sua concepção de Alfabetização e Letramento? Sua prática está mais voltada para qual concepção?

2. Em sua opinião, a utilização de jogos e brincadeiras para alfabetizar possibilita uma aprendizagem significativa?

3. Na organização do planejamento de aula, você utiliza a ludicidade como uma importante ferramenta para a alfabetização e letramento?

4. Você costuma ler para seus alunos histórias da Literatura Infantil? Com que frequência? Poderia citar os livros?

5. Quais dos recursos pedagógicos abaixo são mais utilizados por você na prática do letramento e da alfabetização com os alunos do 4º ano?

- () Fichas/gravuras/cartazes. () Gibis, história em quadrinhos.
 () Copiar textos do quadro ou do livro. () Livro didático.
 () Fazer leitura em voz alta, coletiva ou individual.
 () Mídias: TV, DVD, computador, datashow.
 () Outros: _____

6. Os alunos de sua turma frequentam a biblioteca/sala de leitura da escola, sempre que necessário?

- () Sim () Não () Às vezes
 () Não temos esse espaço pedagógico na escola

Justifique: _____

7. A escola desenvolve projetos voltados para leitura e escrita dos alunos?

- () Projetos com essa temática sempre fazem parte do PPP da Escola.
 () Uma vez ao ano é realizado.
 () Não realizou ainda.
 () _____)

Outros: _____

8. Qual o diagnóstico desta turma quanto à leitura e à escrita?

9. Como você age diante das dificuldades em leitura e escrita apresentadas pelos alunos?

10. Em sua turma, quais os desafios no processo de alfabetização na perspectiva do letramento? Assinale mais de uma alternativa, caso necessário.

- () Pouco tempo disponível.
 () Falta de cursos de capacitação.
 () Turma com muitos alunos.
 () Falta de apoio das famílias.
 () Ausência de livros didáticos ou insuficientes.
 () Insuficiência de recursos didáticos ou materiais para prepará-los.
 () Outros: _____

REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA PESQUISA NA ESCOLA



Sala informática



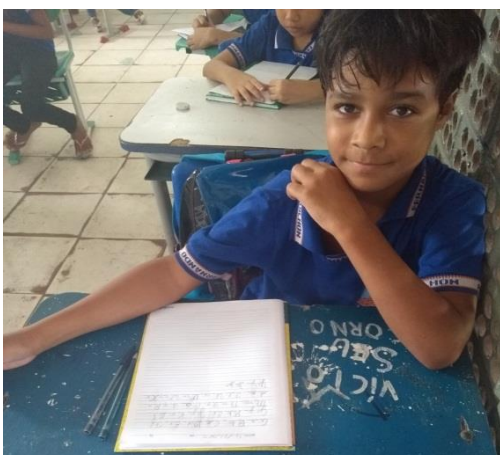
Sala de aula 4º ano manhã



Sala de aula 4º ano tarde



Sala de aula 4º ano tarde



Aluno fazendo atividade de caligrafia

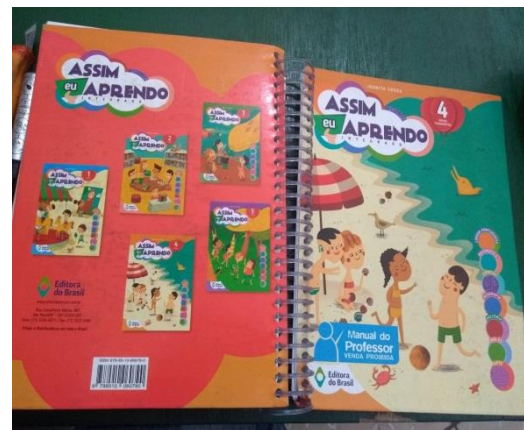
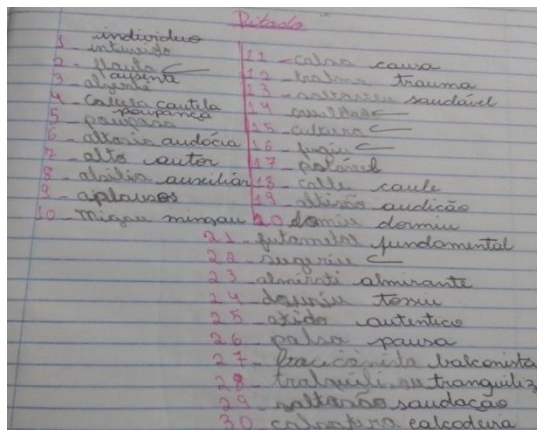
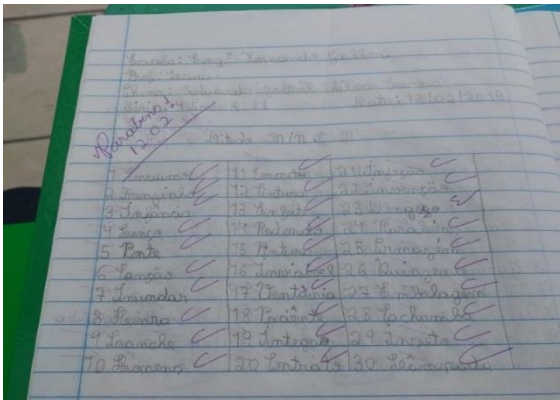


Aluna fazendo atividade de caligrafia

Alunos do 4º ano at.



Livros didáticos usados



Correção do ditado 4º ano
manhã